

NA LUTA

Com
Você

REVISTA DOS APOSENTADOS DO SINPRO-DF • EDIÇÃO ESPECIAL • OUTUBRO 2018

INATIVO É
QUEM NÃO
LUTA!



RECADASTRAMENTO ANUAL

dos aposentados começa em janeiro de 2019



NÃO PERCA O PRAZO

PARA NÃO PERDER O SALÁRIO

O GDF fará o recadastramento, com a comprovação de vida, de servidores aposentados e pensionistas, a partir de janeiro de 2019. O processo é obrigatório e quem não cumprir o prazo terá o benefício suspenso. Procure as agências do Banco de Brasília (BRB), de segunda a sexta-feira, no horário de expediente bancário, no mês de seu aniversário.

O que levar:

- a) Documento de identificação com foto (Carteira de Identidade ou Carteira de Habilitação ou Carteira Profissional com validade em todo o território nacional e emitida por órgão de regulamentação profissional).
- b) CPF.
- c) Comprovante de residência atualizado, datado dos últimos três meses (conta de água, luz ou telefone), ou na falta deste, declaração de residência.
- d) Pasep/PIS/NIT.

Luta e unidade!

Nós, do Sinpro-DF, criamos a Secretaria de Aposentados na década de 1990, em reconhecimento a todos as contribuições prestadas por esse público à educação no Distrito Federal e, principalmente, porque sabemos que a militância não pode parar! Somente com luta e unidade, entre ativos e aposentados(as), podemos defender nossos direitos e conquistar avanços sociais para todo o País.

Sim! A nossa luta é didática e contribui para fortalecer a Previdência como um todo. Além da proteção social do aposentado e o sustento de sua família, um sistema de Previdência forte garante a movimentação econômica e até o aumento do PIB dos municípios, sobretudo dos pequenos, sustentando o consumo, gerando emprego e renda. Precisamos resistir e combater as reformas que pretendem acabar com o regime de previdência dos(as) brasileiros (as).

A participação dos(as) aposentados(as) junto aos ativos, também é importante para a valorização do serviço público. Constantemente, nós denunciemos à sociedade o descaso do Governo do Distrito Federal, que vem deixando de contratar concursados para suprir as vagas deixadas pelos aposentados(as) e falecidos (as). Com o aumento natural da demanda, essas carências têm prejudicado a população.

É só com unidade que conseguiremos valorizar os servidores(as) da carreira magistério, que se aposentaram a partir de 2015 e, até hoje, lutam para receber a pecúnia da licença-prêmio. Direito garantido pela Lei Complementar nº 840/11, o GDF deve fazer esse pagamento em até 60 dias após a aposentadoria - enquanto esse recurso não for plenamente acessado, estaremos em luta!

Por tudo isso, convidamos os(as) professores(as) e orientadores(as) educacionais aposentados(as) para continuarem participando de todas as atividades do Sindicato e em todas as lutas da categoria. Afinal, estamos “Na luta com você” e esta publicação é um instrumento que fortalece essa união tão importante para todos nós!

Direção Colegiada do Sinpro-DF

3 • EDITORIAL

A luta continua

4 • HISTÓRIA

Dedicação aos Aposentados

8 • ARTIGO • Lúcia Ivanov

Palavra que levanta os fracos e determina os fortes

10 • RESISTÊNCIA

Inativos, mas ativos na luta

15 • ENTREVISTA

Lúcia Carvalho

18 • DEPOIMENTOS

Sinpro-DF: 40 anos de conquistas

20 • ATUALIDADE

Geração Ativa

24 • PREVIDÊNCIA

A Reforma da Previdência e os direitos de aposentados(as) e pensionistas

28 • LEGISLAÇÃO

Com Licença, nós estamos na luta!

32 • TALENTOS

Unidos pela Arte

36 • PERFIL

“Inativo é quem não luta”

38 • COMPORTAMENTO

Vida após a aposentadoria

40 • BENEFÍCIOS

Aposentadoria: nova vida, novos hábitos

44 • TEMPO LIVRE



COORDENAÇÃO DA REVISTA Rosilene Corrêa Lima

REDAÇÃO E EDIÇÃO Frisson Comunicação

DIREÇÃO EXECUTIVA Ana Paula Messeder

JORNALISTA RESPONSÁVEL Amanda Vieira

EDIÇÃO Beto Cordeiro

REPORTAGEM Amanda Vieira, Amanda Wanderley e Ana Paula Silva

FOTOS Renato Alves, Arquivo Sinpro e Joel Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Frisson Comunicação

CAPA Bruno Soares

IMPRESSÃO Dallas Gráfica

TIRAGEM 20.000 exemplares

REALIZAÇÃO



SRTVS, Q. 701, Conjunto L, N° 38, Bloco 1, Salas 622 e 624, Ed. Assis Chateaubriand, Brasília-DF, CEP: 70340-906

Fone: (61) 3964-8104 | www.frisson.com.br | atendimento@frisson.com.br

Esta edição foi fechada em Brasília no dia 25 de setembro de 2018.

Confira também a versão eletrônica no site: www.revistanaluta.com.br

O Sinpro-DF autoriza a reprodução do conteúdo desta revista com a devida citação da fonte.



www.sinprodf.org.br | [facebook.com/sinprodf](https://www.facebook.com/sinprodf)

CNB 04, Lote 03, Loja 01, Taguatinga-DF, CEP: 72115-045.

Telefone: (61) 3562-4856 | www.sinprodf.org.br

DIRETORIA COLEGIADA – SINPRO/DF – GESTÃO 2016/2019

Secretaria de Administração e Patrimônio

Carlos Cirane Nascimento – Coordenador
Carlos de Souza Maciel
Nilza Cristina G. dos Santos

Secretaria de Assuntos dos Aposentados

Silvia Canabrava de O. Paula – Coordenadora
Marilange da Silva Vianna
Delzair Amancio da Silva

Secretaria de Assuntos Culturais

Thais Romanelli Leite – Coordenadora
Eliceuda Silva de França
Ticho Lavenere

Secretaria de Assuntos Jurídicos Trabalhistas e Socioeconômicos

Dimas da Rocha Santos – Coordenador
Cássio de Oliveira Campos (In Memoriam)
Ilson Velloso Bernardo Francisco de Assis S. Lima

Secretaria de Assuntos e Políticas para Mulheres Educadoras

Vilmara Pereira do Carmo – Coordenadora
Mária Goretti Oliveira Cunha
Ruth Oliveira Tavares Brochado

Secretaria de Finanças

Rosilene Corrêa Lima – Coordenadora
Bernardo Fernandes Távora
Mária Cristina Sant'Ana Cardoso

Secretaria de Formação Sindical

Luciana Custódio de Castro – Coordenadora
Jairo Mendonça
Magneite Barbosa Guimarães (Meg)

Secretaria de Imprensa e Divulgação

Cláudio Antunes Correia – Coordenador
Cleber Ribeiro Soares
Samuel Fernandes da Silva

Secretaria de Raça e Sexualidade

Elbia Pires de Almeida – Coordenadora
Leticia Vieira Montandon
Jucimeire Barbosa da Silva

Secretaria de Saúde do Trabalhador

Manoel Alves da Silva Filho – Coordenador
Gilza Lúcia Camilo Ricardo
Alberto de Oliveira Ribeiro

Secretaria de Organização e Informática

Julio Barros – Coordenador
Luciano Matos de Souza
Solange Buosi

Secretaria de Política Educacional

Berenice Darc Jacinto – Coordenadora
Anderson de Oliveira Correa
Regina Célia T. Pinheiro

Secretaria de Políticas Sociais

Gabriel Magno Pereira Cruz – Coordenador
Hamilton da Silva Caiana
Yuri Soares Franco

CONSELHO FISCAL

Enóquio Sousa Rocha
Jailson Pereira Sousa
Joana Darc Ferreira Soares
Joana Brito M. Rodrigues
Misael dos Santos Barret



A luta continua! Para o Sinpro-DF, essa máxima não significa apenas uma palavra de ordem. Mais que isso, ela representa o nosso sentimento de gratidão aos aposentados e aposentadas do magistério que, como você, se recusam a ser vistos como inativos e continuam a lutar pelos direitos da nossa classe, pela manutenção das nossas conquistas. Enfim, por todos nós. É por sua causa que essa revista se chama **Na Luta com você**. Porque é a sua participação – tão importante e tão decisiva – em nosso movimento e nossas mobilizações, que mantém o nosso Sindicato forte, unido e representativo. Essa revista é dedicada a você, que saiu da sala de aula para dar uma aula de cidadania.

Nas páginas que se seguem, a Revista **Na Luta com você** mostra que existe vida após a aposentadoria, que estar inativo para o INSS não significa estar fora de atividade para o resto do mundo. Você vai conhecer a Feira Cultural, que revela talentos artísticos e integra aposentados(as) pela música, artesanato, culinária e teatro, entre outras artes.

Na Luta mostra ainda uma entrevista exclusiva com a ex-deputada e ex-presidente do Sinpro-DF, Lúcia Carvalho, na qual ela fala sobre sua história no magistério, na militância política e na família. Agora aposentada, a educadora e eterna militante, traça um panorama da atual situação política do País e conclama os aposentados(as) à luta pelos direitos dos professores.

Você vai ler também sobre a Lei 840/11 e os esforços que o Sinpro vem fazendo para garantir, a todos os aposentados(as) da rede pública, um direito que deveriam ter aproveitado ainda na ativa, mas foram negados por diversos governos do Distrito Federal: a Licença-Prêmio. A luta, agora, é pelo direito à pecúnia; para receber em dinheiro o que não receberam em descanso. Vai acompanhar uma análise, fria e profunda, dos efeitos da Reforma da Previdência, sob a forma da PEC 287-A, em tramitação na Câmara dos Deputados, que podem trazer grandes prejuízos à classe de profissionais da educação, na medida em que propõem uma mexida nas conquistas e nos direitos adquiridos da categoria.

Na Luta traz também a história da criação da Secretaria dos Aposentados, exclusiva para cuidar das suas necessidades, dos seus direitos e do seu bem-estar. E ainda o contundente e atual artigo “Palavra que levanta os fracos e determina os fortes”, da professora aposentada Lúcia Ivanov; uma das fundadoras do Sinpro-DF. Ainda tem depoimentos de ex-colaboradores do Sinpro-DF, matérias sobre aposentados(as) que se reinventaram e se tornaram empreendedores(as), dicas de cursos e especializações e as notícias do Baile dos Aposentados, que aconteceu agora em setembro. Tudo isso, e muito mais, nas páginas de **Na Luta**. Afinal, esta revista fala com você, de você e para você.

Boa leitura!

Dedicação aos Aposentados



Para o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) aposentadoria é uma conquista justa e irrevogável, daquelas mulheres e homens que se entregaram ao ofício de ensinar. A participação de aposentados(as) cresceu ao longo da fundação do sindicato até a criação da Secretaria dos Aposentados, um marco dessa presença. A partir de 1992, as atividades sociais e sindicais dessa parcela da categoria ganharam mais estrutura, fortalecendo a atuação dos(as) trabalhadores(as) em educação como um todo.

A Secretaria dos Aposentados(as) hoje conta com verba própria e três diretoras. A coordenadora, Sílvia Canabrava, já está na segunda gestão do Sinpro-DF, destaca o trabalho de fortalecimento de vínculo com os(as) aposentados(as): “Realizamos bailes, cursos de informática, hortas em pequenos espaços, de ervas medicinais. No curso de formação sindical, por exemplo, é feito um resgate da história do Sinpro-DF e os aposentados(as) percebem a importância deles continuarem a fortalecer a luta da entidade que

▲ Delzair, Marilange e Sílvia: trio faz gestão para manter os aposentados(as) envolvidos(as) com o Sindicato

Mobilização do Sinpro-DF foi decisiva para o cumprimento da Lei da Pécúnia ▼

representa a categoria. Sem luta, não há vitória”.

Na avaliação de Sílvia, o/a aposentado(a) também deve participar não só das atividades específicas, mas também das ações da categoria como um todo: “Devem estar presentes em todas as assembleias, atos, manifestações, da luta como um todo. Na verdade, eles são convocados a participar e participam, mas há uma rotatividade. Porque eles viajam, têm familiares fora da cidade, cuidam de neto. Temos muitos que moram fora do Distrito Federal e que são sindicalizados. Mas a gente sempre pode contar com a participação deles”, explica.

A diretora da Secretaria dos Aposentados Marilange da Silva Vianna se aposentou em 2015, e ela conta que, naquele ano, a militância dela se intensificou: “Na época o governo baixou uma portaria retirando o direito da pecúnia e fui atuando cada vez mais na mobilização por esse pagamento, e a partir daí

fui convidada para compor a chapa do Sinpro-DF”, ressalta. Sobre as principais propostas da Secretaria, relata: “O número de aposentados(as) vem aumentando e nós vamos nos antecipando às demandas, oferecendo atividades e cursos voltados para incentivá-los a continuar na militância e a se sentirem parte integrante do sindicato”.

Para Marilange, a Secretaria se renova todos os dias: “A nossa previdência vem sendo muito ameaçada, então as pessoas correm para se aposentar ainda bem jovens, e eles nos exigem. Estamos tentando fechar parceria com clubes, aulas de dança, e atividades voltadas para a saúde como um todo. A gente procura desenvolver atividades que contemplem tanto aos jovens como os mais idosos”, pontuou.

Aposentada desde 2013, a diretora da secretaria dos aposentados(as) Delzair Amancio da Silva, reforça a necessidade de manter os(as) aposentados(as) envolvidos(as) com



o sindicato: “Nós até temos o lema ‘Aposentado sim, inativo, jamais’”. Delzair acrescenta: “Além da gente fazer análise de conjuntura, também procuramos fazer com que o sindicato seja um lugar de encontros e reencontros, de ampliação de conhecimento, de construção de amizade. Temos esse papel”.

Na avaliação de Delzair, o sindicato reúne grande parcela de professores(as) que têm a consciência de que precisam continuar na luta, que são referência: “Se você perguntar a eles, eles conseguem te descrever e contextualizar cada conquista no contracheque, cada lei que hoje tem uma garantia de direitos, como plano de carreira, como a gestão democrática”, registra. Por isso, reforça Delzair, “o Sinpro-DF

faz um movimento, para que essas pessoas continuem participando não só das atividades dos aposentados(as), mas de todos os espaços porque elas acabam fazendo a transição, fazendo quem está chegando agora a compreender a história de luta da categoria, os avanços, conquistas e até os recuos nesse momento que estamos vivendo”.

Negociação

A diretora do Sinpro-DF e representante dos aposentados(as) na mesa de negociações, Rosilene Corrêa, explica que atualmente a questão mais específica desse público é o pagamento da pecúnia, mas há muita luta em comum. “O grande desafio para qualquer sindicalista é lidar com os dois extremos: ouvir as



▲ Rosilene Corrêa: meta é atender demandas dos(as) novos(as) e dos(as) antigos(as) aposentados(as)

Sempre presentes na história da categoria!

1992

Criação da **Secretaria dos Aposentados**. O Sinpro-DF criou essa estrutura para fortalecer, de forma permanente, ações que visam oferecer segurança e mais qualidade de vida para os(as) aposentados(as).

1995

Retomada da **Gestão Democrática**, pleito de toda a categoria. Sinpro-DF reafirma a importância da participação maciça da comunidade escolar no processo de eleição de diretores, vice-diretores e conselheiros em toda rede de ensino público do Distrito Federal.

1998

Aprovação da **paridade entre servidores(as) ativos e aposentados(as)**. Essa conquista proporciona melhores condições de vida ao servidor público, garantido reajustes em sua aposentadoria idênticos aos de quem está na ativa.

2004

Primeira edição do **Baile dos Aposentados** do Sinpro-DF. Em 2018, já estamos na 14ª edição deste evento tradicional do Sinpro-DF que promove integração, saúde e bem estar aos aposentados (as).

2008

Primeira edição do **Curso de informática**. Ao longo dos anos, mais de 2 mil alunos(as) cursaram as fases 1 e 2 deste curso que é uma maneira de estimular a inclusão digital dos(as) aposentados(as).

demandas de quem está chegando e ao mesmo tempo não deixar ir embora quem está se aposentando”, reflete Rosilene, que completa: “Você precisa respeitar a história daqueles que passaram por aqui e fazer com que todos continuem se sentindo pertencentes à classe trabalhadora”.

O coordenador da Secretaria de Administração, Carlos Cirane Nascimento, se aposentou em janeiro de 2018 e já está na quarta gestão do Sinpro-DF. De acordo com Carlos, outra importante preocupação dos aposentados(as) é manter a paridade: “É uma luta muito forte. Foi uma disputa para garantir os mesmos direitos e tratamento dos aposentados(as) em relação ao pessoal da ativa. E acho que essa continuará a ser a principal bandeira”.



▲ Greve de 2012 marcou a conquista do auxílio-saúde para aposentados(as) e ativos

2009

Primeira edição do **Curso de Formação Sindical** para aposentados(as). Até o momento, o Sinpro formou 28 turmas nas três fases e registrou cerca de 1.344 participações nestas atividades.

2012

Greve de 52 dias. Dentre outras reivindicações, Sinpro-DF lutou pela implantação do auxílio-saúde aos professores(as), orientadores(as) da ativa, aposentados(as) e pensionistas; e a garantia da integralidade da Gratificação de Dedicção Exclusiva (Tidem) na aposentadoria.

2013

Publicação da Lei 5.105/13, que estabeleceu o Plano de Carreira do Magistério Público do DF, fruto do acordo conquistado por meio da greve de 2012. Plano trouxe benefícios como a incorporação definitiva da Gratificação de Dedicção Exclusiva (Tidem).

2016

Primeira edição das **Oficinas realizadas na Chácara do Professor.** Foram realizadas oficinas de Cultivo de Hortas em Pequenos Espaços e de Ervas Aromáticas e Medicinais na Cozinha e na Varanda, realizadas na Chácara do Professor.

2018

Primeira edição da **Feira Cultural dos(as) professores(as) orientadores(as) aposentados(as).** Realizada no mês de agosto, com 42 participantes de diversas áreas de artesanato, poesia, música e dança.



Lúcia Ivanov

Maria Lúcia de Moura, filha do Goiás com a Bahia. Iwanow, o nome dos filhos, metade russos. Professora de língua e literatura das línguas brasileira e portuguesa, aposentada, ajudou a fundar o Sinpro/DF, a CNTE, a CUT e o DNTE/CUT. Se mais não fez é porque mais não pôde ou não deixaram.

Palavra que levanta os fracos e determina os fortes

“**A**s Sufragistas” é o nome de um belo filme sobre a luta das mulheres por direitos, inclusive o de votar, na Inglaterra do final do Século XIX, início do XX.

Escrevia recomendando o filme, quando vi a notícia de que o STF liberou a terceirização irrestrita do emprego público.

Essa decisão, vinda de ministros com estabilidade vitalícia e privilégios a lhes garantirem salários que fazem do STF uma das cortes mais cara do mundo, reveste-se de uma ruindade imensa!

A medida acaba com emprego público em todas as áreas.

O povo elegeu este Congresso!?

Aliada à reforma trabalhista, apresentada por Temer e aprovada por um Congresso que representa os interesses de 1% do povo, a medida faz nossos direitos retrocederem ao Brasil pré-1930, um tempo em que homens, mulheres e crianças trabalhavam em regime de escravidão.

Direitos não foram criados num presumido oitavo dia, depois do descanso no sétimo dia da criação. Foi a luta da classe trabalhadora, organizada em associações e sindicatos no mundo todo que garantiu não sermos, hoje, escravos.

Muitos desses direitos tiveram a lentidão de séculos pra se concretizarem, custando perseguição, cadeia, morte. Férias pagas, por exemplo, só foram possíveis com a luta de trabalhadores franceses em 1936!

A permanecerem no poder aqueles que o tomaram de assalto – com ajuda da Globo e a conivência do STF- direitos que hoje nos parecem tão naturais quanto a chuva e o vento, como horário de trabalho, carteira assinada, férias, 1/3 de férias, 13º salário, FGTS, licenças-saúde, prêmio, Justiça do Trabalho,

vale-refeição e transporte, proibição do trabalho infantil, insalubridade, aposentadoria, etc. logo serão peças de museu.

Escravos do Século XXI?

Terceirizados são trabalhadores(as) que não fazem jus a todos os direitos. Não haverá mais concursos ou controle de qualidade do serviço!

Imaginem-se sendo operados por médicos que não passaram pela severidade de um concurso e foram contratados porque pediram um salário menor, em uma tomada de preços!

Imaginem União, Estados e municípios fazendo tomada de preços em empresas que alugam professoras/es. Emprego para quem aceitar ganhar menos para trabalhar mais! São 5.470 prefeitos, 27 governadores e um presidente da República nomeando, a seu bel prazer, para formar clientela cativa.

A desculpa para esse crime é tornar os serviços mais baratos para o Estado. Se Estado não visa, antes de tudo, ao bem estar do cidadão, pra que serve? Pra fazer dos ricos mais ricos e dos pobres, miseráveis?

E é mentira! Os amigos do poder neoliberal correm a abrir agências de contratação de trabalhadores, alugando sua força de trabalho, baratinho, para vendê-la bem caro ao Estado. São senhores de escravos modernos alugando mão de obra para trabalhos intermitentes.

Num posto de saúde do GDF, perguntem ao vigilante quanto ele ganha: salário mínimo! Perguntem à chefia do posto, quanto o Estado paga por ele ao agenciador: 8 mil reais, no mínimo, por cabeça! “Por cabeça”: como gado, porco, frango!

Eunício (PMDB/CE), pres. do Senado, um dos maiores donos de terceirizados do País, em dois anos, aumentou o patrimônio em mais de 169%. (O Globo).

“
Quem já se
aposentou não
tem garantia de
que continuará
a receber seus
proventos.”

Como bem disse Rodrigo Rodrigues, presidente da CUT/DF, o STF legalizou a Indústria da Picaretagem e da Exploração.

A TV, depois de contribuir para esse estado de coisas, dizendo ao povo que a terceirização era uma maravilha, agora mostra trabalhador saindo de uma fila para dar baixa na carteira e entrando em outra, da mesma empresa, para ser contratado como terceirizado, com salário menor e direitos a menos.

E nós, aposentadas/os, com isso?

Trabalho intermitente não gera Previdência suficiente; salário rebaixado gera contribuição rebaixada. E o agenciador recolhe à Previdência sobre o valor que ele paga ao trabalhador e, não, sobre o valor que o Estado repassa a ele.

As pessoas podem trabalhar até morrer, sem se aposentarem; quem já se aposentou não tem garantia de que continuará a receber seus proventos.

Isso é de nossa conta, pois, além de ser gente e solidária, o futuro nos interessa! Somos raízes de troncos vivos, com folhas e frutos, que são os professores(as) da ativa e nossos filhos, filhas, netos, as gerações futuras, enfim.

Não bastasse isso, Temer, alheio à tragédia social do alto desemprego; não satisfeito em aprovar no Congresso, congelar por vinte anos investimentos em educação, saúde, segurança, etc., tenta privatizar a Previdência.

A desculpa é eliminar um “déficit”, comprovadamente, fictício; a real intenção, além de ter dado aos bancos “perdão fiscal” de 30 bilhões, é garantir aos banqueiros amigos, financiadores do golpe, lucros sem limites.

E Temer não desconhece o desastre que é a privatização da Previdência do Chile, promovida por Pinochet na década de 1980.

Empresas do sistema financeiro internacional, três norte-americanas, Principal, Prudential, MetLife; uma brasileira, BTG Pactual; uma colombiana, Sura - passaram a cobrar contribuição previdenciária cada vez mais alta, enquanto governos neoliberais - como o atual do Brasil - achataram o valor de pensões e aposentadorias.

Assim, aposentados(as) não têm mais como pagar a Previdência, o que vem provocando tragédia social horrível: adultos maiores de 70 anos tirando a própria vida, para fugirem do “morrer à míngua”. A perda de poder aquisitivo de pensões e aposentadorias reflete-se no aumento do número de suicídios.

Emblemático dessa tragédia, que o golpe quer repetir no Brasil, é o caso do *1. “Casal Jorge Olivares Castro (84) e Elsa Ayala Castro (89) que, após

55 anos, decidiu “partir juntos” para “não seguir molestando mais”. A evolução do câncer de Elsa, conjugada a uma primeira etapa de demência senil, exigia que fosse internada numa casa de repouso. O marido calculou que poderiam pagar somente se somassem ambas as aposentadorias e vendessem a casa. Sem qualquer perspectiva, Jorge e Elsa decidiram abreviar suas vidas com dois disparos”.

Dos 3 senadores e 8 deputados federais eleitos pelo DF, apenas uma deputada, Erika Kokay, votou contra todas as medidas que prejudicam o País e o povo. Quem votou pelo golpe votou nas consequências que hoje amargamos.

E, inacreditável é ver essa gente encabeçar pesquisas eleitorais para GDF, Senado, Câmaras Federal e Distrital. Desinformação ou suicídio coletivo? A ideia é piorar o que já é péssimo?

À Luta!

Pérola da filosofia BBB–Brega, Balofa e Burguesa – a frase “A velhice é o tempo em que vivemos a doce inutilidade”, perdeu o sentido que já não tinha.

Pessoas idosas, ou nem tanto, como nós, somos bibliotecas que guardam a sabedoria aprendida - ou não- com erros e acertos. “Na juventude deve-se acumular o saber; na velhice fazer uso dele”.

Como trabalhadoras/es aposentados(as), temos muito a ensinar e a aprender na luta para não perdermos o que, unidas/os, conquistamos.

Temos que acorrer às batalhas para as quais nosso Sindicato e nossa Central Única dos Trabalhadores nos convocam. Temos que nos amparar para sobreviver à maldade sem limites que Temer e o Congresso dos ricos estão a nos submeter. Se temos que ir, vamos juntos!

Goiana, como Cora Coralina, “*Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu, para exercerem seus direitos. Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo. Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes. O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade. Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança. Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor...*”

Ah... E não se esqueçam de assistir às “Sufragistas”. A luta, que nunca foi fácil, já foi bem mais difícil.

*1. Jornal Hora do Povo – 1/8/2018.

“
Como
trabalhadoras/es
aposentados(as),
temos muito
a ensinar e a
aprender na
luta para não
perdermos o
que, unidas/os,
conquistamos.
”

Inativos, mas ativos na luta

Mais de 40% dos filiados ao Sinpro são aposentados(as), que participam cada vez mais das mobilizações da categoria



▲ Francisca Neuma

“**A** minha primeira participação em greve foi em 1979, quando me filiei ao sindicato, há 39 anos. Eu nem havia recebido pagamento quando a greve foi convocada por aumento de salário”, relembra a professora aposentada Ana Machado de Freitas. Ela conta que apesar de ter sido uma paralisação reprimida pela polícia, nunca pensou em parar de participar das mobilizações. “Todas as vezes em que precisei do sindicato fui atendida”, reconhece a professora, que continua atuando nas greves mesmo depois de aposentada.

Ana Freitas faz parte do grupo de aposentados(as) do Sinpro, que está longe de ser minoria e é cada vez mais atuante nas assembleias e manifestações. Dos cerca de 30 mil professores(as) e orientadores(as) filiados ao Sinpro, mais de 14 mil são aposentados(as). É um número crescente: até 2015 a média de novos(as) aposentados(as) era de 500 a 600 pessoas por ano. De 2015 para cá, com as constantes ameaças de reforma da previdência, o número chegou a 1.178 aposentados(as) só no ano de 2016.

Mais oportunidade de participação

A aposentada Francisca Neuma conta que está sempre presente nos cursos e atividades: “Leio sempre a página do Sinpro-DF, vejo o que está acontecendo e procuro, na medida do possível, participar desses eventos. Devido à facilidade da tecnologia, eu procuro entrar em contato por telefone, convidando, oferecendo carona, para aqueles companheiros e companheiras que se mostram afastados, longe da luta”. Francisca ressalta que tem contato

tanto com as colegas da ativa quanto os aposentados(as) e que essa integração é muito importante.

Na avaliação da aposentada Ana de Freitas, só não vai às mobilizações quem realmente não está em condições: “Sempre que tem assembleia, eu ligo para o pessoal e eles falam se podem participar ou não. Antes, eu pensava que as pessoas não queriam ir por desinteresse, mas agora, que estou passando por um problema pessoal, entendo que os colegas só não participam mais por questões familiares graves ou de saúde, por exemplo”, explica. A professora conta que perdeu a filha no ano passado e isso acabou levando a um afastamento temporário das atividades do sindicato e que, segundo ela, logo será retomado.

“Até 2016, a depressão era um dos principais motivos de afastamento por licença médica entre os(as) professores(as) do Distrito Federal. A gente também precisa olhar para a saúde dos(as) trabalhadores(as) em educação”, relata Maria José Correia Barreto, uma das fundadoras do Sinpro-DF, mais conhecida como Zezé. Ela aposentou-se em março 1997 mas não parou de lutar, deixando diversas contribuições para categoria, entre elas a colaboração na criação da Secretaria de Saúde do Sinpro-DF, em 2004. “Os professores doentes muitas vezes eram tratados com descaso na perícia médica, achei que era necessário criar essa secretaria para lutar por eles e para trazer a visão de que a doença está relacionado ao exercício da função. A partir daí a gente começou a fazer seminários sobre a saúde do trabalhador, trazendo pessoas de fora, e estimulando ações de prevenção”, registra Zezé.



▲ Maria José Correia Barreto (Zezé)

Mobilizações marcantes

A greve de 1979 ainda está na memória de muitos aposentados(as). “No mês em que comecei a trabalhar na Fundação participei da minha primeira greve, em 1979. Acabei processada, presa e sem emprego. Mas quando saí da cadeia, continuei militando. E até hoje, eu vou para cima do caminhão, canto e *esculhambo* o governador quando é preciso”, recordou a professora e ex-diretora do Sinpro, Maria Holanda Lopes Carvalho.

Era um período de pós ditadura, e ainda havia muita perseguição aos movimentos sociais em geral. A professora detalhou a performance que a levou para a cadeia: “Fiz um discurso na rampa do Congresso que me levou para a cadeia. Era uma performance; me vesti toda de preto e saí cantando “Vinde pai, vinde mãe, vinde todos denunciar. A escola pública morreu, a verba escafedeu... O ensino público morreu, só nos resta lamentar”.



▲ Maria Holanda Lopes Carvalho

Holanda conta que até tem saudades da sala de aula, mas não a ponto de voltar como temporária, por exemplo: “Continuo atuando na militância, sou artista, canto, danço, faço show, tenho mais tempo para me dedicar à igreja, sou militante nesse sindicato”, ressalta.

A aposentada Maria de Lurdes Castro complementa “Grande parte dos direitos que temos hoje, foram conquistados a partir de 1979 e durante a década de 1980. A nossa geração esteve presente em todas essas lutas e greve, a gente nasceu na secretaria, lutando e não consegue parar”.



▲ Maria de Lurdes Castro

Década de 1980 - “A primeira greve que participei foi em 1985”, relembra a professora aposentada Mauí Cordeiro, que já era engajada no movimento estudantil da Universidade de Brasília (UnB), onde se formou em educação física. “Participei da greve de 1977 e dos movimentos de anistia, mas até hoje a gente tem que militar para segurar a peteca”, conta Mauí. Para ela, é importante se manter na luta pela educação como um todo e por justiça social, de uma maneira mais ampla:



▲ Mauí Cordeiro



▲ Raimunda Ferreira Chagas

A ex-diretora do Sinpro-DF, Raimunda Ferreira Chagas, também participou da greve de 1985: “Vinha da Ceilândia sozinha para o Mané Garrincha. Foi uma greve forte, eu lembro bem disso, e foi tão importante que nesse ano a CUT assumiu o Sinpro-DF”, destaca. Raimunda se aposentou em julho de 2015, quando o governo baixou a portaria suspendendo a pecúnia: “E aí foi uma luta grande, que culminou com o acampamento em novembro de 2016, para garantir o pagamento da pecúnia um ano e sete meses depois”, registra.

Década de 1990 - “Entrei na secretaria em julho e em setembro de 1991 foi a minha primeira participação na greve. Sempre achei que vale a pena lutar - mesmo quando a gente não consegue conquistar os direitos porque sem a gente lutar a gente não teria nada que a gente tem hoje”, defende Lurdinha Leal. Ela conta que passou por muita repressão, inclusive na época do governo Roriz, quando estava grávida, passou por um momento de tensão quando a polícia jogou a cavalaria contra os grevistas: “A gente estava num quiosque e na hora me deu medo, mas os companheiros, colegas de outras categorias e até os comerciantes locais me protegeram. Mas isso não me fez desistir da luta. Participei de todas as greves, mesmo quando eu votava contra, sempre atendi o que a maioria determinava”.

“Essa geração é de uma vida de luta. E a gente vai deixar as conquistas irem pro ralo? Não deveria haver o descaso que há com a educação. Os professores sofrem pelas condições de vida e trabalho e também sofre pelos alunos. Eu ficava indignada de ver os ônibus [velhos e desconfortáveis] que os meninos pegavam, a falta de infraestrutura para educação. O nosso sonho era o pré-sal para saúde e educação, que deu uma esperança de que os professores pudessem melhorar e hoje a gente tem um ex-presidente que é preso político. Quer dizer, as pessoas precisam sair da zona de conforto e continuar lutando”



▲ Lurdinha Leal



▲ Enóquio Sousa Rocha

Década de 2000 - O aposentado e conselheiro fiscal do Sinpro-DF, Enóquio Sousa Rocha, relata que participou da recente ocupação da secretaria de educação em 2012, numa greve que durou 52 dias: “A gente conseguiu um reajuste muito bom, 37%, dividido em três parcelas. Inclusive, esta última, ainda não pagou. Não foi imediato, mas, logo depois, foi um ganho muito bom, condições de trabalho”. Enóquio pontua que entre os aposentados(as) sempre costuma conversar sobre a importância da paridade: “O governo tenta acabar com esse direito, mas conseguimos manter a paridade. Nós somos o alvo principal, então precisamos nos manter na luta”.

A luta é pela educação e muito mais!

A aposentada Maria Auriene Vieira fez um caminho diferente: primeiro militou na categoria da Saúde, e depois entrou para a educação, em 1981, para só se aposentar em 2001. Para ela, é importante continuar lutando de uma maneira mais ampla: “A gente tem de ter o olhar para a melhoria do conjunto da classe trabalhadora. Precisamos lutar pela melhoria da sociedade, da vida do ser humano, do povo, por uma educação de qualidade, por uma sociedade justa e igualitária, que não se constrói mantendo as pessoas analfabetas, crianças fora da escola”, reflete.

Maria Auriene Vieira ►





▲ **Marizam Pereira Porto**

Maria Pereira dos Santos é uma das fundadores do Sinpro-DF, se aposentou em 1994 e participa de mobilizações desde 1979, passando pelas greves e mobilizações mais duras, resistindo à cavalaria da polícia e ao corte de luz e água de acampamentos. Para ela, continuar na luta mesmo após a aposentadoria é conscientizar e dar exemplo: “Eu me sinto privilegiada e agradecida pela minha profissão. Sou reconhecida pelos meus alunos, pelos pais dos meus alunos. Você não precisa despejar conhecimento, tem que ensinar cidadania, ensinar ao aluno ter olhar crítico, ser participativo”, concluiu.



▲ **José Francisco Barbosa Oliveira**

A aposentada Marizam Pereira Porto entrou para a Fundação em 1973 e começou trabalhando na área rural: “Sempre desejei que a gente lutasse por um mundo de igualdade e não de diferenças. O mais importante que eu tive na minha vida foi lutar sem ter medo de perder”, relata. Na avaliação de Marizam, quem não vai à luta não pode vencer: “A minha participação hoje é mais de solidariedade. A gente precisa ver a nossa classe, não só de maneira financeira, mas mais social. A gente passa muita necessidade, principalmente quando aposenta. Seria importante o Sinpro manter um grupo de apoio para esses professores lá fora - vejo professoras em cadeiras de rodas, aposentada, passando dificuldade”, reivindica.



▲ **Maria Pereira dos Santos**

O professor José Francisco Barbosa Oliveira participou desde o início da criação do Sinpro-DF e se filiou ao sindicato na década de 1980. Na época, enquanto delegado sindical do Sindicato dos Bancários do DF, passou na prova da Fundação Educacional do GDF. “Durante a Ditadura Militar, fui monitorado e perseguido, mas nunca desisti de lutar pelos nossos direitos. Após ser aprovado no concurso, o governo não queria convocar os professores. Como militante social, acompanhei e apoiei as greves e reivindicações de todas as direções do Sinpro. As conquistas não foram fáceis e tivemos muitos altos e baixos. Alíás, ainda temos. A Entidade tem uma linda história no Distrito Federal e grande importância para os professores, trabalhadores e a sociedade em geral”.

A close-up portrait of Lúcia Carvalho, a woman with long, wavy brown hair and bangs, smiling slightly. She is wearing a light blue top with a small floral pattern. The background is a solid, warm brown color.

Lúcia Carvalho

“Tem muita vida depois que a gente se aposenta”

Primera mulher presidente do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF), Lúcia Carvalho teve trajetória marcante no movimento sindical e político, a favor dos(as) professores(as) e da população de Brasília. Com passagem pela Câmara Legislativa e atuação no Governo Federal, a educadora aposentada continua, agora, sua trajetória como microempreendedora, sem deixar de lado a militância e o olhar apurado para as questões sociais.

Lúcia Carvalho fala de sua família, sua militância sindical e política, suas conquistas, sua trajetória na política distrital e federal, do atual cenário político do Brasil e de Brasília e, principalmente da importância dos(as) aposentados(as) nos movimentos de mobilização nacional. A ex-professora, e eterna defensora de uma educação cidadã, fala sobre isso, e muito mais, na entrevista exclusiva à **Na Luta Com Você**.

Na Luta Com Você: Como foi sua trajetória no Sinpro-DF e como está hoje?

Eu vim a Brasília para trabalhar. A cidade significava liberdade para mim. Assim que cheguei, procurei emprego e me inscrevi no concurso da Fundação Educacional. Entrei na instituição em 1975. Dez anos depois, fui a primeira mulher a disputar um cargo no Sindicato dos Professores... e a ser presidente da entidade.

A minha militância é anterior. Em 1976, eu, Olímpio Gonçalves Mendes e Maria Aparecida de Carvalho, minha irmã, reunimos um grupo de 28 professores, no centro de Taguatinga, e fundamos a Associação de Professores. Eu me entreguei, durante 30 anos, à atuação política, sindical, associativa e comunitária.

Isso culminou com uma passagem pelo sindicato bastante bem-sucedida. A categoria teve o primeiro plano de carreira em 1987. Isso foi muito importante. Tivemos uma greve de 45 dias. E a partir dali, sempre fomos vitoriosos do ponto de vista da recuperação salarial.

Na década de 1990, eu fui para a Câmara Legislativa. Fiz três mandatos e depois não concorri mais. Trabalhei no governo Lula, no INSS e depois no Patrimônio da União. Desde 2013, trabalho como cabeleireira, artesã, na área de prótese capilar. Cuido de mulheres vítimas de câncer e homens que não convivem bem com a calvície. Então, sou professora aposentada e microempreendedora individual. Tem muita vida depois que a gente se aposenta.

NL: Quais as principais conquistas e desafios do período em que esteve no Sindicato?

Primeiro, foi o nascimento dele, com suor e gente perseguida. O sindicato era referência para outras categorias, foi pólo irradiador de lutas dos trabalhadores do DF. Também, tivemos vitórias como a implantação do Plano de Carreira e o trabalho de base. A gente fazia livrinhos de formação sindical, bem simplificados, para distribuir entre os professores. Havia curso sobre para que serve um sindicato e como deveria ser a participação. Esse pioneirismo, em Brasília, foi feito pelo Sinpro. E outra

coisa significativa foi o sindicato ter se transformado em colegiado. A gente constituiu várias secretarias, como é até hoje. Além de a gente ajudar todas as associações e pequenos movimentos, nos quais participávamos como representantes. Isso foi formador do “caldo” democrático.

NL: Que análise você faz do cenário político da educação?

No momento, há um refluxo muito grande dos direitos, valores democráticos e da mobilização. Uma usurpação do poder e um golpe em curso. É muito bem costurado, com Judiciário, Executivo e Legislativo. Não foi por acaso. Não foram as pedaladas. Foram as justificativas para se retirar a presidente, que estava incomodando aqueles que queriam se locupletar no Estado. A elite brasileira é atrasada, está nesses poderes todos e mostrou o que é capaz de fazer. É vinculada ao capital internacional, que quer todos os bens brasileiros a serviço desses que mandam no mundo, os grandes capitais. Sejam da alimentação, da saúde, da educação, da energia. O golpe vem muito em sintonia com a Petrobras, no sentido de privatizá-la, destruir autonomia que o Brasil e a América Latina vêm construindo.

É uma luta que tem de se compreender global. Os professores e todos os trabalhadores estão retrocedendo em conquistas diante do golpe. A gente tem de compreender a conjuntura, para saber brigar, saber que estamos indo para o 7 de outubro e podemos dar a virada.

Eu chamo a categoria a entender o momento que ela vai viver. Ou ela dá a volta por cima, para ter direitos, ou vai compactuar com o *centrão*, continuar entregando as riquezas, ou com o *ultra fascismo*, da tradição, família e propriedade, com a perda de direitos das mulheres. Eu acho que os projetos estão colocados. Para mim, a luta mais importante dos professores agora é trabalhar os jovens, a comunidade e se trabalhar no sentido de fazer vencer o projeto que nos faz bem.

NL: Acredita que haja um movimento de desmobilização das categorias para a participação sindical? Por que?



Há um desencanto geral com a política e os políticos. Agora, a gente escolhe os nossos dirigentes. Então, se a maioria do Congresso é corrupta, é porque a maioria da população se espelha nesse tipo de gente. E nós temos uma bancada lá, progressista, de 150 representantes. Como é que os professores querem direitos, se não escolhemos uma maioria de trabalhadores?

Então, há um desencanto, sim. Porque a gente vinha num crescente de conquistas e, de repente, veio o golpe. Em relação à participação sindical, temos de nos recriar, recriar a maneira de participação. Acho que temos de dinamizar nossos mecanismos, nossos jornais, nos reencontrar com a base, colocar como está a conjuntura local, qual o papel principal do professor e chamá-lo a essa realidade. É preciso dizer para ele que é possível termos uma conquista maior no próximo ano se hoje a gente se posicionar bem. Porque a máquina do poder é que

move. Os sindicatos conquistam de novo suas bases com lutas, educação sindical, reaproximando, propondo outras formas de atuar. O Sinpro sempre teve criatividade, por isso é um sindicato forte. Particpei da diretoria em 1985 e, em parte, da de 1988.

NL: Qual a importância de o aposentado estar inserido nas políticas e na luta?

Eu vejo as minhas colegas que se aposentaram agora. Todas pegam uns seis meses, às vezes oito, para contemplar, de liberdade absoluta, de não ter compromisso de acordar cedo, de ter hora, de ficar com a turma, motivá-los a aprender. Mas depois, a gente sente a necessidade de fazer algo. Então, a luta sindical é importante, o engajamento das pessoas em alguma atividade, seja ela de participar de uma ONG que protege crianças ou animais. O aposentado tem de ter vitalidade. E, se for o caso, voltar para o mercado de trabalho, como eu fiz. A gente não pode parar. E a luta sindical tem que continuar, porque nosso salário tem sido diferenciado daqueles que estão na ativa. E não deveria. Agora, é uma legislação que é puxada pela maioria dos parlamentares. É importante continuar a luta por cidadãos de respeito no Congresso Nacional, na Câmara Distrital e em todos os espaços de poder. E termos um bom presidente. Se conseguirmos concatenar isso, a gente tem um país melhor, direitos de aposentados(as) respeitados.

NL: Em período eleitoral, quais as principais bandeiras de luta dos(as) professores(as)?

Os retrocessos estão vindo com as alterações curriculares. A partir de conquistas sendo retiradas, também do ponto de vista do desânimo geral da população e dos professores se sentirem desestimulados. Existe muita violência que se carrega para dentro da escola. Às vezes, a criança sofre violência em casa ou na rua e leva para o mundo. Tudo isso é fruto do momento que a gente está vivendo, de tensão, retrocesso, falta de programas sociais e outros que estão sendo destruídos.

Então, qual o papel do professor hoje? Abrir os olhos, se articular, conversar e dar a volta por cima. O fundamental para se mudar um país são pessoas educadas. Com conhecimento, elas estão preparadas para enfrentar as adversidades. Quanto mais ignorante, mais são usadas. Professor tem o papel fundamental de tirar os alunos e a si próprio da inércia. Tem que entender o momento maravilhoso de oportunidade de mudança e se comprometer com pessoas, com candidatos, que tenham um programa de educação libertador, que seja formador no conjunto de suas possibilidades. E não aquela coisa de formar trabalhadores mal remunerados, que é muito do que se encaminha no novo currículo. Quanto mais pobre, mais se quer baratear a mão de obra. Parece que a gente ainda vive em uma sociedade escravocrata. Porque a elite brasileira não quer tirar as pessoas da marginalidade. Quer a combustão e a miserabilidade sociais. O professor tem que entender que é a hora de preparar a criança e o adolescente para um mundo adverso, que eles precisam enfrentar.

A criança tem de tomar partido. O adolescente tem de tomar partido. O professor tem de tomar partido. Somos seres humanos políticos. Não precisa ser a favor ou contra um partido político. Temos que entender as concepções de cada uma das linhas e deixar que as pessoas façam a opção.

NL: De que forma pode-se alcançar um modelo de escola inclusivo e com gestão democrática?

Em tese, a gente tem uma gestão democrática. Escolhemos os diretores. Eu fui autora da primeira lei, que depois veio sendo aperfeiçoada. A gente conseguiu isso em 1996/1997. E é importante continuar com aquilo que os professores já fazem. Levando a comunidade para dentro da escola. Quando fui diretora da Escola Classe 46, do P Sul, em Ceilândia, a gente abria a escola para teatro, casamentos e batizados. Isso é que é escola inclusiva. Não é inclusiva só para o professor, mas para o aluno e a comunidade. Quais são os anseios e as necessidades da

comunidade, tendo a escola como referência? Acho que o caminho é abrir as escolas, cada vez mais, para essas experiências e divulgarmos isso. Parece que tudo que se faz de bom não aparece; só o que é ruim.

NL: Como viver a aposentadoria de maneira produtiva e com mais vitalidade?

Não tem fórmula. Eu sempre fui uma pessoa de agitação, realização e construção. Tive quatro filhos e tenho duas netas. Nada impede de a gente ser militante, parlamentar, sindicalista e tocar a vida dentro de princípios que respeitem o meio ambiente, o ser humano, os valores dos outros, e mudar algo para melhor. Assim, é importante buscar atividades, sejam elas sociais ou sindicais, não ficar isolado em casa. Você não está fora do mercado. Cumpru 25, 30 anos de uma jornada e pode iniciar outras. Isso é o que eu digo para os meus colegas que estão se aposentando agora. Que tenham um merecido descanso, mas que busquem continuar contribuindo com a sociedade.

“
SE A MAIORIA
DO CONGRESSO
É CORRUPTA,
É PORQUE A
MAIORIA DA
POPULAÇÃO SE
ESPELHA NESSE
TIPO DE GENTE.
”

Sinpro-DF: 40 anos de conquistas

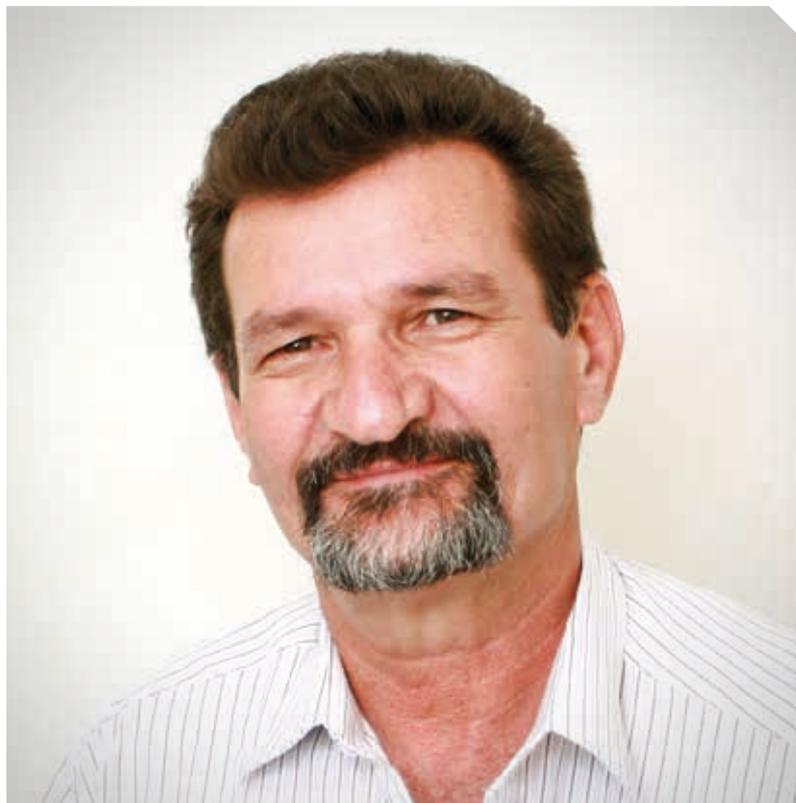
A história daqueles que lutaram pela dignidade do ofício de educar

Desde sua criação, em 1979, o Sinpro-DF esteve presente nas lutas contra a ditadura militar; pela redemocratização do País; pela Lei de Anistia; por eleições diretas; por uma constituinte cidadã; por eleições gerais no DF; pela gestão democrática nas escolas; por mais verbas para a educação; por uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira; contra o surgimento de assentamentos habitacionais (que hoje viraram cidades) e outras tantas bandeiras e conquistas para a sociedade. Durante esses quase 40 anos, muitos(as) companheiros(as) estiveram à frente da entidade e deixaram suas marcas na história. Conheça alguns ex-diretores(as) que participaram de grandes conquistas do Sindicato:



Diretora de uma das primeiras gestões do Sinpro-DF, de 1986 a 1989 e 2002 a 2012, **Maria Augusta Ribeiro** viveu a experiência de estar à frente da entidade nos primeiros anos de existência, quando a classe trabalhadora estava se organizando e reivindicando seus direitos pós-ditadura. “O triênio 86/89 me trouxe bastante aprendizado e foi marcado por dificuldades de todos os tipos. Naquela época, não tínhamos muitos recursos para difundir nosso ideal e, diversas vezes, fazíamos o trabalho sindical a pé. Mesmo assim, sempre procuramos formas de nos manter vivos na luta. Uma delas foi a nossa filiação à Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1988, que nos deu força para continuarmos batalhando por nossos direitos. Hoje, quando vejo a potência que o Sinpro-DF se tornou, com mais de 30 mil educadores filiados, me sinto orgulhosa de fazer parte desta história desde o início”, comemora Maria Augusta.

Para **Rejane Pitanga**, diretora do Sinpro-DF por seis mandatos, nas gestões 1980 a 1983; 1989 a 1992; 1995 a 2001; e 2004 a 2010, e primeira mulher presidente da CUT-DF da Educação, de 2006 a 2010, hoje vivemos tempos de muito retrocesso nos direitos e de ataques às conquistas históricas. “Conquistamos muitas coisas ao longo desses anos. Obviamente, não tanto quanto merecemos, até porque a marca de vários governos do DF foi o descompromisso com a educação. Porém, considero extremamente importante a criação do Plano de Carreira do Magistério e a da Gestão Democrática nas Escolas Públicas. Podemos não ter o Plano de Carreira dos sonhos, mas cada uma de suas cláusulas foi fruto da luta e conquista de nossa categoria, liderada pelo Sinpro. Hoje, temos que continuar em busca da isonomia salarial com as demais categorias de nível superior; plano de saúde; reajuste do auxílio alimentação e melhores condições de trabalho. Fortalecer o nosso sindicato e participar da construção da luta é imprescindível nesses tempos sombrios”.



A frente do Sinpro-DF nos triênios 2007 a 2010 e 2010 a 2016, **Francisco Raimundo Alves**, mais conhecido como Chicão, afirma que a atividade sindical se torna ainda mais relevante no atual contexto da sociedade brasileira, no qual os governos têm implementado políticas que restringem e tiram direitos conquistados com muito esforço. “Como diretor, atuei na Secretaria dos Aposentados. Na ocasião, tive a oportunidade de conviver com a adversidade de ideias e posições. Durante as minhas gestões, enfrentamos muitos desafios. Ocorreram diversas paralisações, assembleias, greves, acampamentos, ocupações de avenidas e doação de sangue, dentre outras atividades organizadas com o intuito de defender os interesses dos professores e orientadores educacionais. Recordo-me muito bem da ocupação do sexto andar do Anexo do Buriti e da Presidência da Câmara Legislativa. E ainda, a tomada do Eixão Norte e Sul. A experiência me proporcionou valiosos ensinamentos. Hoje, mais do que nunca, é importante que os educadores estejam ainda mais unidos por meio de uma entidade forte e respeitada como a nossa. Afinal, esses profissionais precisam de representação para defender a categoria e a sociedade das medidas injustas dos governos neoliberais que não promovem a cidadania.

Geração Ativa

Estudar, viajar, cuidar da saúde e lutar pela categoria estão nas prioridades dos(as) recém-aposentados(as)



▲ Evaneide participa de projeto de apoio aos bebês prematuros

“A vida tem sons que, para a gente ouvir, precisa aprender a começar de novo”. O verso da canção é realidade entre professores(as) recém-aposentados(as) na rotina fora da escola. Na faixa dos 50/60 anos e repletos de sonhos, os(as) educadores(as) se mantêm ativos(as) e buscam dar sentido ao dia a dia, aprender e ensinar lições e a se abrir para as novidades que chegam, cada um a seu tempo e com jeito próprio. Mas com a educação como ponto de partida para o recomeço.

A educadora Evaneide Diamantino se reencontrou na aposentadoria no Projeto Polvo de Amor. Ao lado de cerca de 50 voluntárias, ela confecciona polvos de crochê para a doação a bebês prematuros de 17 hospitais no Distrito Federal e um em Goiânia (GO). Os animais evitam que os recém-nascidos retirem os fios dos aparelhos do corpo e são companhia para os pequenos no período de internação hospitalar. Os tentáculos lembram o cordão umbilical e dão aconchego. A iniciativa teve início, na Torre de Tv, em abril de 2017, mas tem origem na Dinamarca quatro anos antes. Ao todo, três mil unidades já foram confeccionadas e entregues nas unidades hospitalares do DF.

“Qualquer pessoa que queira aprender, homem ou mulher, pode participar da oficina para produzir os polvinhos, no terceiro sábado de cada mês, aqui na Torre. Depois, eles são embalados e entregues pelos próprios voluntários nos hospitais, onde são esterilizados e levados aos bebês. Não vendemos os polvos, são só para doação”, explica Evaneide. Há, também, a atuação de cuidado, vínculo e apoio às mães dos internados. Falam sobre a vida e ganham força interior para criarem os filhos.

A sensibilidade para a importância dos trabalhos manuais voltados ao bem-estar veio nos últimos cinco anos na ativa. Ao observar o longo tempo que as mães dos alunos com necessidades especiais passavam na Escola 403, em Santa Maria (DF), resolveu desenvolver com elas projeto de artesanato. Se aprofundou, buscou técnicas e viu na atividade mais do que simples fonte de renda depois de deixar a sala de aula. “Encaro como estilo de vida a ser levado para outras pessoas”, destaca. Até hoje, ela realiza as oficinas nas igrejas e hospitais, com amor, cuidado e carinho, para as mães com crianças nas UTIS neonatais. “Este projeto me preenche”, destaca a professora aposentada.

Para a professora Suzana, o trabalho com as crianças é bem lúdico. Elas são acolhidas e bem cuidadas ►



Fazer o bem

Suzana Alves Jacó atua como psicopedagoga voluntária, no Instituto Nossa Senhora da Piedade, no Lago Sul, em Brasília (DF). Embora a aconselhassem a fazer algo diferente, orientar as monitoras e atender a meninas em situação de vulnerabilidade social, no contraturno das aulas da rede pública, preencheu a lacuna que a saudade do exercício da profissão trouxe. “Elas almoçam, tomam banho e fazem atividades de arte, música, capoeira. E tem o dia da oração. É bem lúdico e as crianças são acolhidas e bem cuidadas, em ambiente seguro. Se não estivesse ali, estariam na rua”, lembra a professora.

Depois de mais de três décadas de trabalho, como diretora, alfabetizadora e com alunos especiais, o desafio de parar, em 2015, abriu novas possibilidades. Planeja, para daqui a dois anos, quando o marido Carlos se aposentar, investir no mestrado e dar aula no ensino superior.

Educação cidadã

No caso de Maria Elineide Rodrigues da Cruz, a aposentadoria teve caráter transformador. Em junho deste ano, depois de cinco meses da nova condição, resolveu conhecer a

cidade natal, Crateús, no Ceará (CE), de onde saiu ainda criança e nunca mais voltou. Antes, no entanto, comprou passagem só de ida para Maceió (AL), percorreu outras capitais e municípios nordestinos, de carona e ônibus. Na viagem, sozinha, pode retomar as origens e reencontrar familiares. Voltou à Brasília, quase quarenta dias depois, com a bagagem cheia de emoção.

Fato inimaginável no período em que trabalhava na Secretaria de Educação. O tempo era escasso devido às aulas na educação infantil, depois durante cinco anos, como diretora do Centro de Ensino Fundamental 20, em Ceilândia, e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no sistema prisional, onde ficou até se aposentar. “Você precisa se qualificar muito mais. Porque não é apenas alguém que está transmitindo o conteúdo, tem que ter visão social e de ressocialização. Trabalhava com pessoas que cometeram crime, estavam pagando para a justiça e não tínhamos de julgar, nem reprimir, mas fazer um diálogo com elas sobre o projeto de vida. Precisavam voltar para a sociedade melhores do que quando entraram ali”, esclarece a pedagoga.

Maria Elineide abraçou a causa de forma a vencer os preconceitos com os alunos, que muitas vezes estavam naquelas condições devido à falta de adaptação à escola tradicional e à carência do olhar para a individualidade. Na percepção da professora, são várias nuances que o profissional precisa compreender e estudar para lidar com essa educação, que é bem diferenciada. Assim, esteve à frente de seminários de sensibilização sobre o tema com autoridades, a Associação de Pais e Amigos dos Presos e parlamentares que defendiam a área de direitos humanos. Com a necessidade de institucionalizar a escola, o registro das experiências pedagógicas em documento, e depois de intensa luta, foi criado o Centro Educacional 1 de Brasília. A sede funciona no Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação - EAPE, mas as aulas acontecem nos presídios.

Agora, com mais espaço na agenda, a professora tem vontade de trabalhar na divulgação da prática pedagógica com os encarcerados. Depois de um ano de descanso, está nos planos continuar com as palestras em universidades e faculdades, com estudantes de pedagogia acerca do assunto. Também analisa possibilidades para complementar a renda e permanecer na luta com a categoria. “Sempre que posso, participo das reuniões e assembleias. Para dar exemplo ao pessoal da ativa, que está chegando”, argumenta.

Maria Elineide abraçou a causa de forma a vencer os preconceitos com os alunos ▼





▲ Nelson trabalhou 33 anos na mesma escola e toda semana volta a visitá-la

Opção pelo giz

De duas coisas Nelson Moreira Sobrinho tinha certeza: jamais faria a faculdade de Direito ou daria algum tiro. Assim, desistiu de ser agente federal e investiu no magistério. Resolveu tentar o concurso para professor de Matemática da rede pública do Distrito Federal, onde ingressou em 1984 e ficou 33 anos na mesma escola, hoje Centro Educacional 11, no P Norte, em Ceilândia (DF).

Lá, atuou no ensino fundamental II e ensino médio, além de ter sido diretor e se dedicado à gestão democrática. Ao lado de outros educadores, criou o projeto da Escola Cri Cri – Crítica Criativa, que foi implantado em outros 49 colégios, como projeto político pedagógico. “A gente dizia que a participação da comunidade tinha de existir na escola, a direção tinha de ser participativa e estimulávamos os estudantes a terem grêmios. Nós constituímos o primeiro Conselho de Diretores da República Democrática de Ceilândia”, relembra o educador. Deu tão certo que foi reeleito para o biênio 1998-1999.

Em paralelo, assumiu três mandatos como diretor do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF). Também viveu a experiência de se lançar candidato a deputado distrital, em 2006 e 2010, nessa última eleição teve 2.888 votos, com campanha percorrida nas bases com um Monza antigo, feita sem comitê, mas com muita vontade de batalhar pela causa

da educação na Câmara Legislativa. Trabalhou ainda no movimento de Educação de Jovens e Adultos, foi coordenador da regional de ensino de Ceilândia e lecionou para filhos dos ex-alunos no final da carreira.

Os últimos 28 dias antes de se aposentar foram passados em greve, há pouco mais de um ano. “A minha aposentadoria saiu no Diário Oficial em 11 de abril de 2017. Como ainda estava na paralisação, depois descontaram do meu salário. O argumento era que eu não tinha mais vínculo com a Secretaria de Educação para repor as aulas. Eu estava em greve, com direito de greve garantido, portanto, não podia ter falta injustificada”, relembra.

Para Sobrinho, trabalhar é honroso, mas não há nada como o período que vive hoje. Aproveita o tempo livre para cuidar de si, da esposa e dos dois filhos, de 17 e 15 anos. Vai à academia de ginástica, gosta de assistir filmes, andar, conversar com as pessoas, é fã do Facebook e do WhatsApp. Nem saiu dos grupos da antiga escola e vai ao centro educacional toda semana. Garante que não é por obrigação, mas por afinidade e desejo de acompanhar os(as) ex-alunos(as). Dá conselhos e indica, por exemplo, que participem do Programa de Avaliação Seriada (PAS), que é uma oportunidade de entrada na Universidade de Brasília (UnB). A exemplo dos filhos

do primeiro casamento, que seguiram o caminho e fizeram Ciência da Computação e Desenho Industrial na instituição de ensino.

A vida sindical continua intensa, em especial agora, no período de eleições. “A gente tem muito o que fazer para honrar o voto. O nosso sindicato é um dos mais fortes do País. Temos de convencer a nova geração de aposentados(as) a não abandonar a luta, para não perdermos, em hipótese alguma, direitos como a paridade, conquistada com muita luta”, destaca.

Sonho possível

Quando decidiu fazer mestrado na área de educação matemática, na UnB, Veronica Larrat não imaginava que a decisão repercutiria de forma marcante na aposentadoria. Graças à pesquisa e ao apoio do orientador Cristiano Muniz, se qualificou,

passou a integrar grupos de estudo e a ser indicada para fazer formações com educadores nas redes pública e particular de ensino. Então, quando os 30 anos de magistério chegaram, em 2016, a saída da rotina profissional na Escola Classe da 108 Sul foi mais amena.

“Comecei trabalhando na secretaria de dia e nas assessorias à noite e finais de semana, com uma renda extra. Depois, me aposentei, mas não saí de cena, continuo com as formações. Faço meu horário e as coisas que gosto”, explica a professora. Com os colegas de profissão, aborda proposta de didática do ensino da matemática com outro olhar, no qual a criança pode se expressar, tentar, errar e acertar. Não dar as fórmulas prontas, mas trazê-los como protagonistas da aprendizagem.

Também trabalha como voluntária com professores de Alto Paraíso (GO), na alfabetização, pela qual é apaixonada e com a qual se realizou boa parte da vida profissional. Acompanhar o desenvolvimento da criança marcou a vida da educadora. Além disso, participa do Coral do Tribunal Superior do Trabalho (TST), cuida da saúde na academia, o que nunca fez devido à carga horária na escola, vai ao cinema uma vez por semana e convive com as amigas, com quem partilha o dia a dia.

Para viver o sonho de ser professora, Veronica enfrentou adversidades e preconceito. “Havia a representação de que professor era uma profissão de segunda classe”, relembra. Com persistência, foi a única filha, dos sete irmãos, a se formar. Já na secretaria, fez o vestibular para a Universidade Católica de Brasília, em convênio com o GDF, e finalizou a licenciatura curta. Depois, criou comissão com as colegas para o curso ir para a UnB, o que aconteceu dois anos depois, e finalizou a graduação. Agora, espera continuar a suprir o(a) professor(a) com conhecimento e materiais para a prática inovadora em sala de aula no ensino da matemática.

Veronica participa de grupos de estudo e de formação de educadores ▼



A Reforma da Previdência e os direitos de aposentados(as) e pensionistas



Aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 287-A) fará do magistério uma das categorias mais penalizadas



O substitutivo da Proposta de Emenda Constitucional 287/2016 (PEC 287-A), do relator da projeto, deputado federal Arthur Maia (PPS-BA), que foi aprovado na Comissão Especial da Reforma da Previdência, em maio de 2018, está na fila para a votação em Plenário. A proposta, como se apresenta, ameaça diretamente a aposentadoria dos(as) professores(as). Ela elimina a paridade e a integralidade, e diminui as condições salariais da categoria docente na hora da aposentadoria. São danos extensos e profundos para quem ingressou no magistério público antes e após 2004.

Para quem já está aposentado(a), a tendência é que os direitos adquiridos sejam mantidos. Apesar da Proposta não falar diretamente em paridade e integralidade, há a menção de que os proventos sejam “calculados e reajustados, de acordo com a legislação em vigor, à época em que foram atendidos os requisitos nela estabelecidos para a concessão desses benefícios”.

A técnica do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Fernanda Castro, explica. “Isso quer dizer que, para quem já se aposentou, a lei não mexe na paridade, que é o reajuste das aposentadorias em paridade com os eventuais reajustes do pessoal em atividade; nem na integralidade, que é a forma de cálculo da aposentadoria dos servidores, que ingressaram antes de 2003,- e cumprem as regras necessárias para aposentadorias definidas pelas Emendas Constitucionais posteriores”.

Na avaliação da diretora do Sinpro-DF, Rosilene Corrêa, a PEC 287-A é uma das mais cruéis ameaças que a classe trabalhadora vem sofrendo. “Barrar este retrocesso é também responsabilidade daqueles que viveram outra realidade e que têm aposentadoria garantida”, define Rosilene. “A solidariedade dos(as) aposentados(as), nessa luta, é importante para que futuras gerações possam ter os mesmos direitos que foram duramente conquistados”, reforça a diretora.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), bem como todos os sindicatos, se mobilizaram em 2017 contra e, no dia 15 de março de 2017, deflagraram a greve geral nacional da educação, que protelou a aprovação desse projeto. No Distrito Federal, a greve durou 29 dias. E neste segundo semestre, as duas entidades continuam na luta contra a Proposta de Reforma da Previdência. Mas somente com uma forte mobilização será possível impedir a aprovação desta reforma, que irá retirar a condição de aposentadoria.

O que propõe a PEC-287-A

A regra geral do substitutivo iguala alguns requisitos para a aposentadoria de professores e professoras, das redes pública e privada, que comprovem tempo exclusivo de efetivo exercício do magistério – contribuição mínima de 25 anos e idade mínima de 60 anos, independente de sexo. O que difere é a exigência feita aos docentes da rede pública, de ter pelo menos 10 anos no serviço público e cinco anos no cargo em que se aposentar.

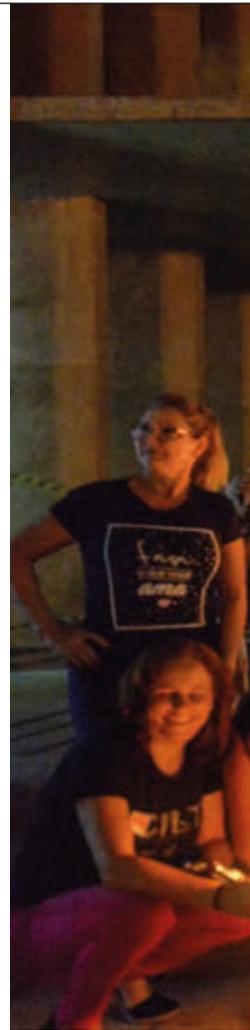
Quanto à regra de transição, a PEC 287-A institui, como fase intermediária, a idade de aposentadoria de professores e professoras, que estiverem vinculados ao Regime Próprio de Previdência Social (RPPS), em 50 anos (mulher) e 55 anos (homem) e a necessidade de comprovar 20 anos no serviço público e cinco anos no último cargo.

As idades mínimas também serão elevadas, em um ano a cada dois anos, a partir de 2018, até atingirem 60 anos para ambos os sexos, em 2038. Daí em diante, o professorado só poderá se aposentar pela regra geral específica para a categoria. Isso significa que haverá um aumento no tempo laboral da categoria de 10 anos e até mais, dependendo do caso, para que professor e professora consigam se aposentar.

Doenças ocupacionais

A PEC 287-A irá piorar significativamente as causas das doenças ocupacionais, que afetam a saúde física, mental e emocional da

Vigília dos(as)
aposentados(as) em
frente ao Palácio
do Buruti ▶



Como é a aposentadoria no DF hoje

(Com paridade e integralidade)

| ORIENTADOR | ORIENTADORA | PROFESSOR | PROFESSORA |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| | | | |
| IDADE | IDADE | IDADE | IDADE |
| 60 | 55 | 55 | 50 |
| TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO | TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO | TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO | TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO |
| 35 | 30 | 30 | 25 |

Como pode ficar com a aprovação da PEC 287-A

(70% da média do salário, sem paridade)

| ORIENTADOR | ORIENTADORA | PROFESSOR | PROFESSORA |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| | | | |
| IDADE | IDADE | IDADE | IDADE |
| 65 | 62 | 60 | 60 |
| TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO | TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO | TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO | TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO |
| 25 | 25 | 25 | 25 |



categoria. O aumento dos anos de trabalho para o magistério irá aprofundar as doenças ocupacionais. Se atualmente o magistério é uma das categorias profissionais que mais apresentam absenteísmo durante o ano, por causa de doenças ocupacionais, após a reforma da Previdência, os problemas tendem a piorar.

Seguridade

Mais que uma reforma da Previdência, a PEC 287-A é um conjunto de amplas alterações na Constituição Federal para diminuir o alcance do Sistema de Seguridade Social e a importância da Previdência Social pública e da Assistência Social no Brasil. Trata-se de uma proposta do Governo Federal para adequar o Brasil à política econômica neoliberal, em que tudo é comércio, incluindo aí os direitos sociais. Por isso, ela está associada à reforma fiscal.

A PEC 287-A promove o endurecimento das regras de acesso à aposentadoria e o rebaixamento do valor médio dos benefícios previdenciários para impedir o trabalhador da iniciativa privada ou o do serviço público de se aposentar. É, portanto, um conjunto de mudanças que aprofundam a convergência das regras entre o Regime Geral de Previdência Social (RGPS) e o Regime Próprio de Previdência Social (RPPS) vigentes. A proposta promove impactos significativos na educação pública brasileira e afeta as condições de vida e de trabalho dos(as) profissionais da educação.

Na avaliação do diretor do Sinpro-DF Cleber Soares, a PEC 287-A se soma a várias outras reformas, que vêm ocorrendo desde o fim de 2016, com a promulgação da Emenda Constitucional nº 95 (antiga PEC 241/16), que

instituiu o Novo Regime Fiscal, o qual limita o crescimento do investimento público federal por 20 anos, afeta de forma direta os recursos da educação e compromete o Plano Nacional de Educação no período de 2014-2024.

“Outras reformas compõem as bases dessa economia excludente. No início de 2018, foi aprovada a reforma do Ensino Médio (Lei no 13.415/16), que impõe profundas mudanças curriculares e dificulta a conciliação entre trabalho e estudo para os jovens empregados”, destacou Cleber Soares, que concluiu: “É importante continuar promovendo debates com a população para que a sociedade compreenda que estamos num momento de acirramento da luta de classes e que é fundamental a unidade da classe trabalhadora para superar e derrotar essas reformas e superar essa conjuntura tão adversa”.

Com Licença, nós estamos na luta!



Conquistada pelos servidores, a lei 840/11 garante o pagamento (pecúnia) da licença-prêmio aos aposentados(as)



Todo servidor público tem direito à chamada Licença-Prêmio por Assiduidade (LPA), isso é, uma pausa remunerada de três meses na sua carreira, a cada cinco anos de trabalho. No entanto, diferentes gestões do Governo do Distrito Federal (GDF) vêm insistindo em não conceder essa licença-prêmio aos profissionais da educação, salvo raras exceções. Assim, muitos professores(as) e orientadores(as) trabalham até a aposentadoria sem nunca ter tido a oportunidade de acessar essas licenças, tão necessárias à saúde mental do trabalhador.

Para corrigir essa injustiça, a Lei Complementar 840/11 determinou o pagamento desta licença em dinheiro, a título de indenização, a chamada “pecúnia”. O Sinpro-DF lutou ativamente para que essa lei entrasse em vigor e batalha até hoje para que ela seja devidamente cumprida. “O ideal é que todos possam tirar essa licença, até por questões de saúde ocupacional. Mas se o governo não garante a licença, então o trabalhador deve ser devidamente indenizado”, destacou Rosilene Corrêa, diretora do Sinpro-DF.

Na pressão

A coordenadora da Secretaria para Assuntos de Aposentados do Sinpro-DF, Sílvia Canabrava, conta que o sindicato vem cobrando insistentemente do GDF o cumprimento



da lei. “Todos os aposentados(as) estão com duplo prejuízo porque, além de não terem podido usufruir da licença-prêmio, durante os mais de 25 anos de magistério, não receberam a pecúnia relativa a esse direito no prazo de 60 dias após terem se aposentado. Exigimos que o governo cumpra a Lei e respeite o servidor que dedicou sua vida à educação do DF”, afirma Silvia.

Histórico

A diretora do Sinpro, Marilange da Silva Vianna, conta que entre 1999 e 2002 os servidores viviam uma situação improvisada com relação

à licença: “Para não ter de contratar substitutos, os professores se viam na necessidade de ‘vender’ suas licenças, recebendo o valor do salário equivalente a de um professor em início de carreira. Era um absurdo, tanto que o Tribunal de Contas proibiu essa prática”, relembra.

Para contornar essa situação de precariedade e fortalecer os(as) trabalhadores(as), o Sinpro-DF inovou, reivindicando o pagamento de pecúnia. Em outras palavras, é o pagamento de uma indenização pela licença não concedida, já que ao deixar de conceder, o governo acaba comprometendo a saúde do(a) trabalhador(a). “Entre

2004 e 2008, diversas negociações foram feitas o GDF, que foi pagando essa pecúnia mediante pressão do sindicato até que, em 2011, conseguimos a aprovação da Lei Complementar 840/11, que deu mais segurança jurídica para nossa demanda e até para os demais servidores do GDF”, explica Vianna.

Outro benefício conquistado por essa lei é que ela obrigou o governo a conceder licença-prêmio para a servidora que estiver em licença-maternidade e quiser reivindicar esse direito: “Não só a professora como todas as servidoras do GDF. Colocar essa obrigatoriedade foi uma

▲ Professores lutam pelo recebimento da pecúnia



conquista do Sinpro-DF. Atualmente, quando o governo fala que está concedendo licença, ele se refere a essas, que são obrigatórias, e em alguns casos muito específicos. Como regra geral eles não concedem, então a gente precisa continuar pressionando”, ressalta Berenice Darc, diretora do Sinpro-DF.

Negociação

A comissão de negociação do Sinpro-DF conseguiu arrancar do GDF um aumento do valor do aporte financeiro, para o pagamento da pecúnia da Licença-Prêmio por Assiduidade. A partir do crédito de maio deste ano, o GDF disponibilizou R\$ 11 milhões mensais para o pagamento das LPA dos(as) aposentados(as) do funcionalismo distrital.

“Ainda assim estamos distantes da quitação da dívida. Esse montante será destinado a todas as categorias do funcionalismo. Mas, só na

Educação, a dívida ultrapassa R\$ 400 milhões. São R\$ 184 milhões relativos à pecúnia de professores e orientadores educacionais aposentados(as) em 2016; e R\$ 290 milhões aos de 2017. Em 2018, a Educação já apresenta mais de mil aposentadorias publicadas”, informa Rosilene Corrêa, diretora do Sinpro-DF.

Uma das dificuldades alegadas pelo governo para não elevar o valor, é a ameaça de mudanças nas regras de aposentadorias pela contrarreforma da Previdência, que o governo federal tenta aprovar no Congresso Nacional, e que pode provocar a corrida de um grande número de servidores(as) pela aposentadoria. “Com isso, o GDF está deixando de cumprir a lei e efetuar o pagamento da pecúnia”, avalia Rosilene Corrêa.

Mobilizações

Para pressionar o governo, o Sinpro promoveu diversas

manifestações, entre elas um acampamento no Palácio do Buriti que durou nove dias. A aposentada Nair De Felice Jardim Rodrigues participou de uma dessas mobilizações pelo pagamento da pecúnia: “No ano passado, estávamos num grupo de 20 professoras aposentadas e chegou um batalhão de quase 50 policiais para conter a gente. Nós enfrentamos de forma muito didática. Uma colega foi conversar com os policiais – ‘você sabia que já fui sua professora um dia?’. Até eles ficaram constrangidos; disseram que estavam cumprindo ordens”, conta Nair.

Para a diretora do Sinpro-DF, Delzair Amancio da Silva, ainda é preciso muita luta e união da categoria para não perder o que já está na lei: “Nada está garantido. Mesmo após a aposentadoria, a mobilização precisa continuar, para que os direitos conquistados não sejam perdidos”, conclui.



Aposentados se unem em vigília pela garantia de direitos ▶

Unidos pela Arte





Feira Cultural promovida pelo Sinpro revela talentos artísticos e integra aposentados(as)

A Feira Cultural dos Aposentados reuniu mais de 40 expositores na Praça do Relógio, em Taguatinga (DF). Professoras e professores aposentados(as) tiveram a oportunidade de mostrar suas produções artesanais (bordados, bijuterias e esculturas, dentre outros), seus talentos na música, literatura e artes plásticas no geral. Além de incentivar atividades que possam também ser fonte alternativa de renda, a feira promoveu um grande momento de integração com os(as) aposentados(as).

“O Sinpro investe no filiado aposentado, pois entende que foi ele que construiu essa entidade e merece todo respeito e valorização”, ressaltou a coordenadora da Secretaria de Assuntos para os Aposentados do Sinpro, Silvia Canabrava. Veja a seguir um breve perfil dos diversos participantes da feira.

◀ **Durante todo o dia professores(as) e orientadores(as) apresentaram diversos trabalhos de artesanato, momento que a população comprou várias peças.**

A professora maranhense **Angelina Maria de Góes Santos** trabalha com crochê, tricô e reaproveitamento de materiais. Aposentada desde 1994, Angelina mora no Guará e participa de diversas feiras de artesanato espalhadas por Brasília. Para ela, o evento do Sinpro-DF é uma ocasião para ampliar o conhecimento e fazer novas amizades. “A dificuldade que eu vejo em Brasília é a falta de espaços de contato, ou seja, eventos que você possa participar e que não estejam restritos ao seu ambiente familiar. Acho que o sindicato deveria investir nesses encontros com mais frequência”, avalia Angelina. A professora conta que sentia falta do cafezinho na época da sala de aula, mas que isso foi suprido fortalecendo relações fora da sala de aula, reunindo grupos de amigos, fazendo excursões e participando de eventos culturais.



A aposentada **Janilce Rodrigues** é fluminense, professora de educação artística, escritora, trabalha com diversos tipos de costura e é autora de dois livros infantis: A fada da caixa de costura e Manuela e as borboletas amarelas. Mesmo aposentada desde 2013, Janilce ainda frequenta salas de aula, mas dessa vez na hora do recreio, como contadora de histórias, atividade que exerce também entre adultos. “Publiquei livros por uma questão de sonho mesmo, de realização. Agora, me inscrevi em um edital do Fundo de Amparo à Cultura (FAC) do GDF, pedindo apoio para um livro sobre minha experiência com teatro no sistema penitenciário e estou aguardando o resultado”, revela. Para Janilce, seria importante o Sinpro-DF promover, também, oficinas para que as pessoas possam ensinar o que sabem e aprender com os colegas, como um espaço de troca de experiências.

O professor cearense e ex-diretor do Sinpro-DF, **Assis Souza** é músico nas horas vagas. Aposentou em 2015. “A Feira é um momento importante de confraternização com os colegas que batalharam a vida toda e agora podem expressar suas habilidades artísticas. A gente reencontra amigos e amigas”. Ele ressalta que está muito feliz com a aposentadoria e intensificou seus estudos. “Tem gente que vive de música, pessoas que escolheram viver disso, mas fiz uma opção há 40 anos, de ser professor. Hoje a música está mais presente, mas ocupa um papel de equilíbrio pessoal, eu respiro música, é uma ferramenta que me dá muito equilíbrio”. A música aglutina, liga pessoas, traz um astral bacana, a gente não consegue viver sem ela.



A professora maranhense **Nádia Rodrigues**, é formada em Geografia e trabalhou em sala de aula com arte e cultura africanas. Atualmente, produz bijuterias e confecciona bonecas abayomi, dentre outras criações. Aposentou-se em junho de 2018. “Estou gostando dessa oportunidade de estar aqui, vendo as pessoas, socializando”, destacou Nádia.

Na avaliação da professora, todo mundo tem um pouquinho de artesão, um pouquinho de artista dentro de si. “É uma questão de oportunidade, de tempo. Acho que falta estímulo para que as pessoas descubram esse lado mais artístico, mas a sala de aula é um lugar ótimo para estimular isso”. Nádia explica que sua produção ainda é uma forma de passar o tempo e acredita que viver exclusivamente disso não é fácil: “Conheço muitos artesãos que se prepararam só para viver disso e é uma batalha diária para ter visibilidade. Para as pessoas negras é ainda mais difícil. Acredito também que é uma questão de organização para reivindicar esse apoio porque o governo não vai apoiar automaticamente”, reflete. É a primeira vez que Nádia participa de uma feira de artesanato. “Estou adorando! Pretendo participar de outras feiras, não só a do Sinpro-DF. De repente, pode ser um complemento de renda. O Sinpro tem muita atividade legal para aposentadas, vamos nos unir, vamos nos juntar, ninguém vai ficar sozinho!”.



O professor mineiro **João Batista**, trabalhou ministrando oficinas de artesanato para alunos especiais. Hoje, desenvolve peças de marcenaria e mistura com outros materiais, como cabaça e cortiça. Aposentado em 2017, ele conta que a transição para a aposentadoria foi tranquila. “Fui montando uma oficina na minha casa. Trabalhava em casa e com os alunos. Então, eu me preparei para essa vida fora de aula. Não tive problema para me adaptar”. Para João, fazer artesanato é um “vício bom”, não uma fonte de renda. “Tenho participado dos programas do GDF como a rota do artesanato, mas vejo que a competição com os produtos da China é muito grande”, explica. O professor elogia a experiência do Sinpro: “Acredito muito no Sinpro-DF. Esse evento está bem organizado em relação a outras exposições que tenho participado. Deveria descentralizar também, em outras cidades satélites, de forma itinerante, para mostrar para o povo de Brasília que nós sabemos fazer artesanato”.

“Inativo é quem não luta”

Educadora se destacou pela luta a favor dos(as) aposentados(as) e pela dignidade no exercício do magistério



A educadora Isabel Portuguez de Souza Felipe é um exemplo de luta e determinação pela valorização da categoria e por um ensino público de qualidade. Depois de 15 anos ininterruptos à frente da Secretaria de Assuntos dos Aposentados e de sua morte repentina em 2015, aos 67 anos, a líder sindical continua a educar pelo exemplo e com o legado que deixou para os(as) companheiros(as) de magistério e familiares.

Nascida no município de Canápolis (BA), criada em Santa Maria da Vitória (BA) e cidadã honorária de Brasília, Isabel Portuguez chegou à capital federal no início da década de 1960. Formou-se na Escola Normal de Brasília, Centro de Ensino Médio Elefante Branco, e em Pedagogia, pela Universidade de Brasília (UnB). Como professora do GDF, atuou em escolas da zona rural e foi diretora.

Desde muito cedo, iniciou a militância em favor da categoria. Filiou-se ao Sinpro em 1979, mesmo ano da fundação do sindicato. Em 1991, Isabel Portuguez se aposentou, e encerrou a carreira como diretora da Escola Classe 409 Norte, cargo que assumiu pelo voto popular, fato inédito na cidade. Aposentou-se, mas não ficou inativa. Ao contrário, se engajou ainda mais no Sinpro, na liderança do segmento dos(as) aposentados(as).

Isabel Portuguez
(1948 - 2015)

Em família

“A Isabel era muito dinâmica. Mesmo sendo dirigente sindical, foi síndica do bloco onde morávamos, na 211 Norte, durante 18 anos. Conciliava tudo isso, sem reclamar”, relembra o marido Felipe. Ao lado dele, criou os filhos Benami Gomes Júnior e Samanta Portuguese, ambos do primeiro casamento, e Bismark Paiva Portuguese Felipe, que adotaram em 2005.

Dentre as histórias de luta, Felipe destaca a época em que a educadora enfrentava a ditadura militar e ia para as ruas lutar por melhores condições de trabalho para a categoria, e quando se cotizava com as professoras, na escola em que trabalhava, em Taguatinga, para que as crianças saíssem de lá com o almoço. “Em uma das greves, em que o governo cortou os pontos dos professores, ela me pediu para vendermos um carro, a fim de criar um fundo para os trabalhadores que passavam necessidade”, relembra o marido.

Muito ligada à família, Isabel procurava estar presente na vida dos filhos, mesmo com a agenda atribulada. Conseguiu formá-los, o que sempre foi prioridade, além da manutenção do bom relacionamento do marido com eles. Benami concluiu as faculdades de Ciência da Computação e Direito; Samanta é nutricionista e Bismark cursa o último ano de Direito. O marido também se formou em Administração depois de casado. Ela fazia questão também da convivência com os netos Marília e Atos, com quem conviveu. Depois, vieram Helena e Giovana.

Felipe estava ao lado da mulher quando ela teve o Acidente Vascular Cerebral (AVC), que a levou à morte, em 27 de dezembro de 2015. A batalha pela saúde vinha de longas datas, desde que detectou um problema cardíaco, que a acompanhou por mais de quatro décadas.

Em movimento

Aposentada, Isabel dedicou os últimos anos de vida ao movimento sindical. Sempre preocupada com a discussão de uma educação pública de qualidade e com políticas de valorização da carreira de magistério. Durante mais de 36 anos, contribuiu para a construção e consolidação do Sinpro, na luta pelos(as) professores(as) aposentados(as), incentivando-os a manterem uma vida ativa. Seu lema era: Aposentado sim, inativo não.

O destaque na vida pública rendeu à educadora o título de cidadã honorária do Distrito Brasília, *post mortem*, em junho deste ano. Na ocasião, o filho Benami enalteceu o compromisso da mãe em cuidar da família e do trabalho, bem como a simplicidade com que levou a vida. “Pensamos que, quando se aposentasse, estaria mais perto da gente. Mas ela não parava. Mantinha relacionamento, independente do cargo, com pessoas de qualquer função. Não fazia diferença entre elas”, relembra Júnior.

Fato reforçado por quem conviveu com Isabel no movimento sindical. Para Iracema Bandeira, ex-dirigente do Sinpro, a sindicalista era organizada, dedicada e não deixava nada para trás. Quando começava um projeto, só sossegava quando chegava ao fim. Graças ao seu empenho, conseguiu implementar a formação sindical para os(as) aposentados(as) e o curso de informática. “Queria um sindicato forte, independente e defendia os(as) professores(as) aposentados(as) com muita garra. Não admitia diferença de tratamento entre professor(a) da ativa e aposentado(a)”, lembra a amiga. Segundo ela, Isabel tinha o hábito de ligar para os sindicalizados e lembrá-los de participar das atividades, assim como da importância de cuidarem de si.

Isabel Portuguese por Samanta Portuguese

“A gente acordava e ela já tinha amanhecido cuidando da casa. Ela adorava cozinhar. Então, nunca delegava a cozinha a ninguém. No almoço, sempre fazia o prato que cada um gostava. Tinha a galinha caipira dela, o prato do o marido e de cada um dos filhos.

Na época em que era professora e diretora, a gente ainda era pequeno, e foi até a nossa adolescência. Era muito querida, participativa e justa. A gente tem amigos, daquele tempo, que hoje têm um carinho grande por nós, por causa dela. Ela me ensinou a saber ouvir e a respeitar o jeito do outro e não tentar mudá-lo.

A gente tinha muito orgulho da minha mãe. Eu enchia a boca para dizer que a ela era do sindicato. Até hoje eu falo, com muito orgulho que a minha mãe tinha caráter e o princípio de ajudar as pessoas. E com a família era do mesmo jeito. Se alguém tinha um problema, ela ia lá para tentar resolver.

A homenagem de cidadã honorária ter sido no sindicato foi muito representativa, porque era a segunda casa dela. Tinha dias que eu chamava para almoçar e ela dizia que não, era dia da galinhada com os amigos do Sinpro.

Sobre as lutas, lembro que ligava para um por um, para conversar com os(as) aposentados(as), conscientizá-los sobre o papel deles. Até hoje eu tenho a lista. Dizia que só eles podiam lutar por eles. Quando se aposentou, viu a importância de continuar participativa. Com o tempo, passou a se preocupar, também, com o bem-estar social. Percebeu que os(as) aposentados(as) precisavam de lazer.”

Vida após a aposentadoria

Professoras realizam sonhos e projetos pessoais em recomeço depois da sala de aula



Com a chegada da aposentadoria, a interrupção profissional pode abrir oportunidades para novas metas de vida, inspiradas na carreira ou em desejos que ficaram guardados para os tempos de mudanças. Hoje, cerca de 14.600 educadores(as) sindicalizados(as) estão aposentados(as), no Distrito Federal, e muitos buscam caminhos para se reinventar. Fazem do tempo livre momento de realizar sonhos, ajudar o próximo e estabelecer relacionamentos significativos.

Essa foi a escolha de Waleska Mendes e Nair Felice. As cunhadas, que se conhecem há 35 anos e vem de trajetória na secretaria de educação, seguem unidas pelo artesanato e o voluntariado na aposentadoria. Elas estão à frente do bazar da Paróquia Santo Antônio, em Brasília (DF), ao lado de outras sete professoras aposentadas, advogadas, dentista e arquiteta, que se uniram para organizar a venda das peças com renda revertida para as

obras sociais da Igreja. Além da comercialização, a equipe zela pela limpeza e ajustes das doações, que vão do mobiliário e artigos de casa a roupas do dia a dia.

Waleska desenvolve, ainda, o trabalho de artesã, com a produção de imagens sacras católicas. Por mês, são 25 peças, que expõe em loja no shopping Pátio Brasil, com outros artesãos, e, eventualmente, em feiras. “Quando eu voltei da viagem pós-aposentadoria, estava com um problema ósseo na bacia. E o meu médico disse para eu fazer exercício. Tinha que fazer muitas caminhadas. Eu passei por uma loja e vi a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Aí, resolvi começar a trabalhar com isso e a estudar”, lembra Waleska. Esse seria o primeiro passo para a criação do selo As Santeiras, ao lado da irmã e apoio de Nair, empresa que atua em técnica de *découpage* com guardanapos, flocagem (pó que dá a impressão de veludo/camurça) e aplicação de rendas e adornos.

▲ Nair e Waleska dividem o amor pelo artesanato

**Maria do Carmo
colecciona corujas
do mundo todo ▶**

Nair, depois de aprender com Waleska o ponto cruz do bordado, se aprofundou e passou a diversificar os produtos, com panos de prato e sabonetes. Também começou um negócio próprio, com o trabalho em toalhas e enxovais. “Existe o rótulo de que quem se aposenta fica à toa. Não, a gente fica muito ocupada, mas só faz o que quer, na hora que quer”, enfatiza.

Clube da Memória

Patrícia Braga, depois de 28 anos dedicados à sala de aula, nas regionais do Gama, Lago Sul e Núcleo Bandeirante, viu na aposentadoria a liberdade para dar vida ao espaço colaborativo *Troca de Segredos*. A iniciativa, desejo desde a adolescência, é local e compartilhada com outros profissionais, em horários específicos, utilizado em terapias de grupo e individuais, rodas de conversa e aulas particulares.

Ela e a amiga Cida Fernandes são responsáveis pelo *Clube da Memória*, com encontros semanais de uma hora e meia, para estimulação do cérebro, destinados a pessoas com mais de 50 anos. “Eu pensei que, criando o *Clube da Memória*, não estimularia só os meus alunos, mas a mim também. A gente faz as tarefas juntos e temos o que trocar. É um lugar onde se pode falar as experiências, conhecer a do outro e ver que temos ainda o que contar, escutar e aprender”, explica Patrícia.



**Patrícia é
idealizadora
do Clube da
Memória ▶**

Cuidado com a saúde e o bem-estar

Aos 86 anos, dos quais 38 dedicados ao magistério, a professora Maria do Carmo é a prova de que o envelhecimento e a aposentadoria podem ser vividos com alegria e plenitude. Desde que saiu da Escola Classe 3, hoje Centro Educacional 12, em Taguatinga, no ano de 1987, onde atuou na alfabetização e lecionou História para a 5ª série, aproveita a vitalidade em favor do bem-estar e de fazer o que não conseguiu, em função do trabalho e dos cuidados com os oito filhos. Com uma coleção de mais de 1.000 corujas, de todos os tamanhos, formas e origens, que enfeitam a residência, ao lado das fotos da família. “Todo mundo, quando viaja, diz ‘Olha a Maria do Carmo ali!’, quando vê uma coruja. Eu gosto, é o símbolo da sabedoria”, explica a professora.

Tempo de recomeçar

Quer aos 50 ou aos 80, não há padrão para as experiências no período pós-aposentadoria. Tudo depende da individualidade de cada um e do preparo para o novo ciclo. É o que garante a psicóloga Magda Galli, que há mais de 30 anos atua em psicoterapia individual, familiar e conjugal. De acordo com ela, uns encaram a fase como prêmio, outros a vinculam à incapacidade, à inutilidade, como se aposentassem da vida e não do trabalho.

“Tem que haver um preparo físico, emocional, social e financeiro. As pessoas precisam olhar para frente e o contexto em que estão, estabelecer metas e sonhos possíveis, de forma a não se frustrarem”, explica a especialista. Ela lembra que muita gente pensa que se aposentar é só viajar, ser livre e não ter compromisso. Mas é fundamental estabelecer rotina na qual se sintam incluídas e úteis, em grupos e atividades.

Final, na visão da psicóloga, qualquer mudança precisa ser levada com cuidado e tempo para reorganização, além de abrir novas perspectivas e possibilidades.



Assim, a família teria papel fundamental, no apoio e na atenção aos(as) aposentados(as), na retomada de valores pautados no amor e na responsabilidade.

“A falta de paciência e urgência imperam. Eu acho que a família tem de se preparar para ter idosos. Não que as pessoas precisem deixar de viver, mas dar qualidade de tempo, estar envolvidas, arrumar atribuições para eles se sentirem importantes. Porque o sentimento de serem descartados é que está fazendo com que se deprimam”, esclarece.

Por outro lado, seria importante o(a) aposentado(a) levar em consideração também a possibilidade de ficar dependente no futuro. Quanto mais cedo vier essa consciência, melhor, para quebrar as barreiras em receber cuidados.

Pare numa boa

- **Prepare-se** nos aspectos físico, emocional, social e financeiro para a aposentadoria.
- **Faça** planos e tenha sonhos possíveis de ser realizados.
- **Estabeleça** rotina.
- **Tenha** atribuições que o façam se sentir útil.
- **Vincule-se** a grupos e participe de atividades que renovem o círculo de amizades.
- **Mantenha** relacionamentos familiares saudáveis.
- **Se a opção for por voltar ao trabalho, que seja algo prazeroso.**

Fonte: psicóloga Magda Galli

Aposentadoria: nova vida, novos hábitos



Os desafios dos(as) aposentados(as) para fugir da armadilha da ociosidade

Estamos em uma era de mudança de conceitos e um deles é o da aposentadoria. Entre os desafios dessa fase da vida, um dos mais complicados é o fato de ter que lidar com a ideia da ociosidade – conceito ainda muito ligado à condição de quem deixa de trabalhar. Porém, a etapa permite assumir novas posições sociais, criando outras realidades e possibilitando mudanças nos hábitos de vida.

Pensando dessa forma, além de fortalecer e garantir conquistas coletivas, ampliando a representação, os direitos e a luta por melhores condições de trabalho para todos os professores, o Sinpro-DF, por meio da Secretaria para Assuntos dos Aposentados, desenvolve atividades específicas para os educadores sindicalizados que já não estão nas salas de aula.

▲ A Oficina de Hortas ajuda na conscientização da preservação florestal

Curso de Inclusão Digital deixa os associados conectados com as reivindicações da categoria ▶

“O trabalho da Secretaria é essencial para dar suporte e maior atenção aos(as) aposentados(as), entendendo que os educadores precisam de incentivo e motivação para continuar participando das atividades da categoria”, explica a secretária para Assuntos dos Aposentados, Silvia Canabrava.

Para José Antônio Oliveira, professor de contabilidade, aposentado desde 1996, a aposentadoria não é sinal de parada no tempo, de ficar em casa ou qualquer coisa que sugira que a vida acabou. “Eu sempre procurei me manter ativo. As atividades políticas não param. A participação em cursos e oficinas é indispensável, pois nos mantém na luta”, afirma.

Inclusão Digital

Para ajudá-los(as) a entrar no mundo digital e se manter conectados com as reivindicações da categoria, o Sindicato oferece o Curso de Inclusão Digital, desde 2008. As razões para a adesão dos(as) filiados(as) são as mais diversas: querer fazer parte do mundo da informática; enviar

e receber e-mails sem pedir ajuda; fazer pesquisas na web e participar das redes sociais. No entanto, ao começar as aulas, os(as) educadores(as) encontram motivações que pareciam esquecidas, como fazer novas amizades, sair de casa e exercitar a mente.

Curso de Formação

Também presente no calendário da entidade, o Curso de Formação, que acontece desde 2009, já recebeu um número expressivo de aposentados(as) e tem como objetivo conscientizar os(as) educadores(as) para a importância de continuar na luta, defendendo os direitos da categoria, sobretudo, de uma aposentadoria digna.

“O curso é realizado em duas etapas, com carga horária de 16 horas cada uma, e ministrado em parceria com a ECO/CUT (Escola Centro-Oeste de Formação Sindical da CUT Apolônio de Carvalho), em Caldas Novas (GO)”, explica Silvia. “Garantimos uma participação efetiva de toda a turma e proporcionamos momentos de lazer e integração do grupo”, completa a secretária.



▲ José Antônio Oliveira: a participação em cursos e oficinas é indispensável





“A formação prepara os(as) professores(as) aposentados(as) para a participação no movimento sindical, com uma atuação mais presente e participativa, buscando potencializar a ação do Sinpro-DF na categoria e na sociedade”, explica Marizeth Albernaz, professora de psicologia aposentada.

Baile dos(as) aposentados(as)

Embalados por muita música e dança, professores(as) aposentados(as) e suas famílias se divertem, anualmente, no Baile dos Aposentados. Uma festa que, segundo Silvia, além de promover o reencontro de pessoas que compartilharam suas vidas, tanto nas escolas quanto nas lutas da categoria, mostra que os aposentados(as) também sabem se divertir. Este ano, o Baile aconteceu no dia 21 e setembro.

“O baile é a atividade mais esperada por eles. É momento de reencontrar os amigos, confraternizar, recordar os belos tempos, curtir a vida com alegria

e dançar muito. A luta é importante, mas o baile é maravilhoso para todos que participam, sob o ponto de vista do bem-estar. O Sinpro se preocupa com isso, com a valorização”.

Espaço Educador Chico Mendes

Localizado em uma chácara, o espaço educacional é inteiramente dedicado à ecopedagogia e à construção de um novo olhar, mais holístico e mais global, para a Educação. No local são realizadas oficinas para associados do Sinpro-DF e grupos da rede pública.

“Realizamos oficinas de Ervas Aromáticas e Hortas em pequenos canteiros. Além disso, organizamos seminários e nos confraternizamos na entrega dos certificados”, explica a secretária dos(as) aposentados(as). “A chácara é um ambiente de ar e beleza agradável e muito apreciado pela categoria”, finaliza.

▲ **Curso de Formação Sindical visa qualificar os dirigentes e representantes sindicais do Sinpro-DF para atuação no dia a dia**

Atendimento Jurídico

Os(as) educadores(as) aposentados(as) também podem contar com apoio jurídico, oferecido pelo Sindicato, nas áreas de saúde, cível e trabalhista. O atendimento funciona em forma de plantões, na sede e nas subdesdes de Taguatinga, Gama e Planaltina.

Para mais informações sobre horários e locais basta ligar: (61) 3343-4200.

A Feira Cultural mostra que, mesmo após se aposentarem da área educacional, esses profissionais continuam produzindo belíssimos trabalhos artesanais ▶



O Sinpro-DF criou a Feira Cultural com o intuito de divulgar os talentos dos(as) aposentados(as) e, assim, proporcionar a esses educadores a oportunidade de expor seus trabalhos como poetas, artesãos, escritores, musicistas e instrumentistas, entre outras qualidades. A primeira edição da feira foi realizada em agosto deste ano, na Praça do Relógio, em Taguatinga. E foi um sucesso.

Feira Cultural

Na opinião de Sílvia Canabrava, ao realizar as atividades programadas pela secretaria é possível ver muitos educadores, que estavam em casa, voltando para o Sindicato. “O Sinpro acredita nos(as) aposentados(as) e em tudo que ainda podem fazer pela categoria. Investimos no filiado aposentado, pois foi ele que construiu essa entidade e merece todo respeito e valorização”, comemora. “Com essa atividade, percebemos que mesmo após se aposentarem da área educacional, esses profissionais continuam produzindo belíssimos trabalhos artesanais, editando livros e muito mais. Além de serem verdadeiros guerreiros, de lutarem por seus direitos, fazem bonito também no artesanato e em vários segmentos culturais”, afirma Sílvia.

O Baile de Aposentados promove o reencontro de pessoas que compartilharam suas vidas ▶





Filmes

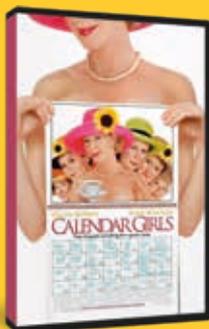
• AS SUFRAGISTAS

Reino Unido, 2015, 107min). O filme se passa no início do século XX e conta a história de mulheres que, após décadas de manifestações pacíficas, decidem coordenar atos de insubordinação pela igualdade de direitos, indo contra a opressão masculina e política da época.



• GAROTAS DO CALENDÁRIO

(Reino Unido, 2004, 108min). Duas amigas inseparáveis fazem parte de uma associação nacional que congrega senhoras em torno de atividades, como feitura de doces e geleias, jardinagem ou tricô. Com o objetivo de ajudar um hospital local, as mulheres idealizam uma campanha que consiste em fazer um calendário com uma integrante do Women's Institute para cada mês, mostrando seus dotes domésticos. A ideia seria muito tradicional e familiar, se não fosse por um pequeno detalhe: elas devem aparecer completamente nuas nas fotos.



• FELICIDADE POR UM FIO

(EUA, 2018, 98min). O longa metragem foi produzido pelo Netflix e inspirado em um livro escrito por Trisha Thomas, publicado em 2001. Conta a história de uma mulher que aprende aos poucos a se libertar da pressão estética que a sociedade, em especial a sua mãe, exerce sobre ela. O filme aborda questões como racismo, empoderamento feminino e diferença de classes sociais.



Livros

• CORPO, ENVELHECIMENTO E FELICIDADE

Neste livro, a antropóloga Mirian Goldenberg reúne artigos de renomados especialistas nacionais e estrangeiros sobre o tema. O livro aborda o assunto de forma crítica e revela as perdas e, principalmente, os ganhos com o avançar da idade entre homens e mulheres. Autora: Mirian Goldenberg – Editora José Olympio, 2012.



• CURTA A VIDA NA APOSENTADORIA

A publicação discute como a população fica acomodada em certas situações, pelo medo do desconhecido, e reflete sobre os pontos negativos e positivos em momentos de se fazer novas escolhas após a aposentadoria. Autora: Márcia Ribeiro Pitta – Editora Novos Talentos, 2015.

Atividade



A Universidade Internacional da Paz – UNIPAZ/DF é uma organização não-governamental criada há 30 anos para desenvolver projetos relacionados à cultura de paz. A pedagogia utilizada é a desenvolvida por Pierre Weil e equipe, que considera a integração do indivíduo consigo, com o outro e o meio ambiente. O espaço, no Park Way, com cachoeira e trilhas, é aberto à visitação às quartas-feiras, das 8h às 17h. A instituição oferece, ainda, cursos de autoconhecimento e retiros. **Para mais informações acesse o site www.unipazdf.org.br ou ligue (61) 3380-2069/99818-2860.** Endereço: SMPW Quadra 8, conjunto 2 - Área Especial Granja do Ipê - Park Way - Brasília/DF.

Convênios

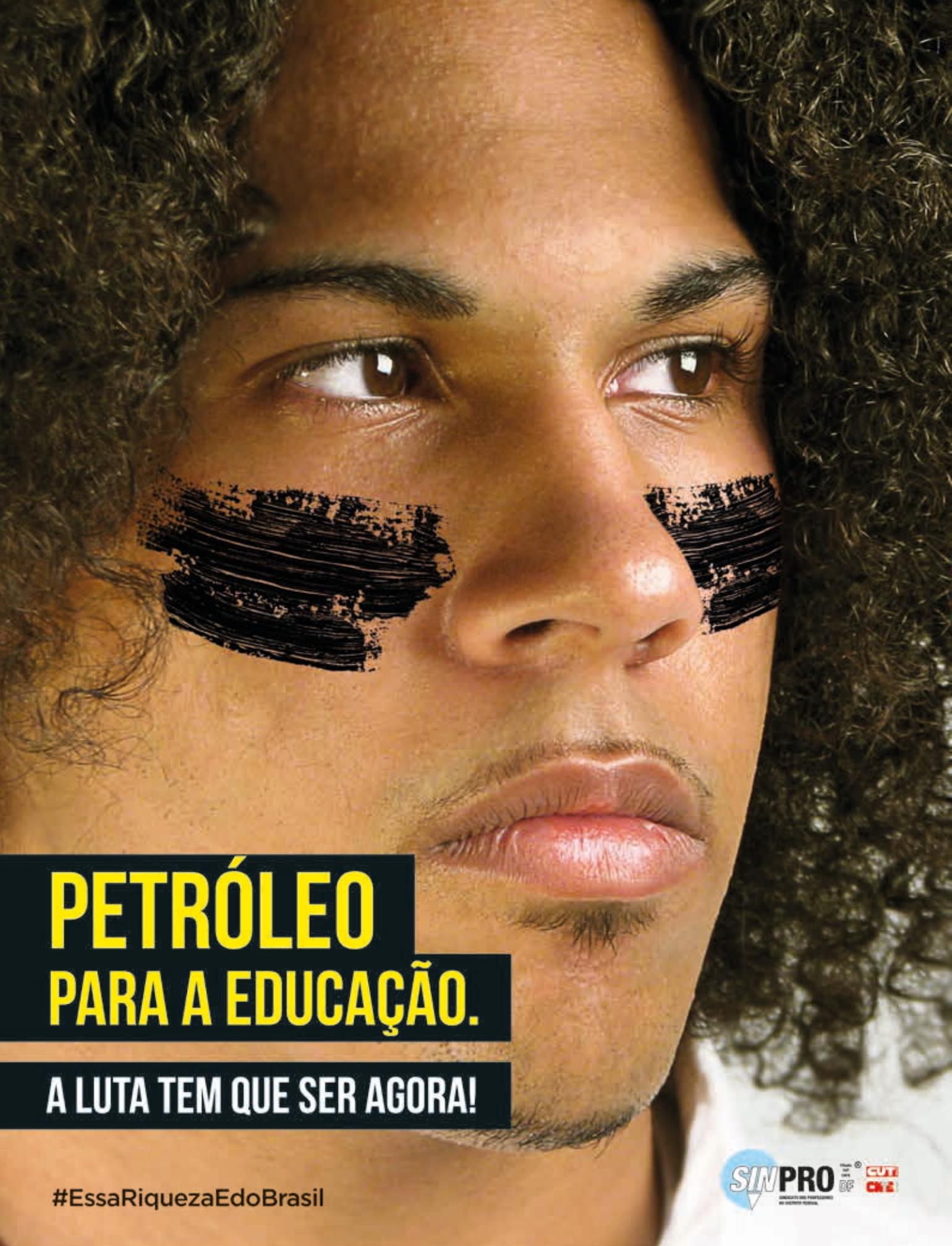


Além de estar à frente das lutas dos(as) professores(as) e de todos os profissionais da educação do Distrito Federal, o Sinpro-DF também oferece para os(as) filiados(as) uma grande rede de vantagens, por meio da Masterclin, com mais de 6 mil estabelecimentos conveniados por todo o país, com descontos em postos de combustíveis, faculdades, ingressos para os cinemas, farmácias, laboratórios, aluguel de carros, passagens aéreas, redes de hotéis, supermercados e em vários outros segmentos. Para usufruir dos benefícios, basta apresentar sua carteirinha da MasterClin Vantagens. **Conheça todos os serviços e empresas conveniadas no site do Sinpro-DF ou ligue 4020-3020.**

PELO PETRÓLEO PARA A EDUCAÇÃO.

10 RAZÕES PARA VOCÊ ENTRAR NESSA LUTA

-  1. O petróleo do pré-sal é a maior descoberta das últimas décadas. E essa riqueza é do povo brasileiro.
-  2. O governo entregou a exploração do petróleo às empresas estrangeiras.
-  3. Com a privatização da Eletrobras e Petrobras, o Brasil abriu mão de projeto de desenvolvimento do país.
-  4. Os recursos do petróleo são fundamentais para os investimentos nas futuras gerações.
-  5. A Lei 12.858, que destina 75% dos royalties do petróleo para financiar a educação e 25% para a saúde, está ameaçada.
-  6. Também está comprometido o repasse de até 50% do Fundo Social do pré-sal para o alcance das metas do Plano Nacional de Educação (PNE).
-  7. O Projeto de Lei nº 131/2015, do senador José Serra (PSDB-SP), retira a exclusividade da Petrobras nas operações de exploração do pré-sal, o que gera menor arrecadação para a educação.
-  8. No total de R\$ 176 bilhões de barris do pré-sal, as perdas para as áreas de educação e saúde seriam de cerca de R\$ 1 trilhão.
-  9. Sem os recursos do pré-sal (royalties e Fundo Social), será impossível resolver questões como o analfabetismo, a qualidade da educação básica, com melhoria na aprendizagem e a valorização salarial dos professores.
-  10. Nós temos capacidade de mobilização, força e coragem para evitar o desmonte energético do país.



**PETRÓLEO
PARA A EDUCAÇÃO.**

A LUTA TEM QUE SER AGORA!

#EssaRiquezaEdoBrasil

SINPRO Associação dos Professores de Ensino Fundamental
OF Associação dos Professores de Ensino Médio
CUTE Associação dos Professores de Ensino Superior
CR2